

João Soares

Do Outro Lado

Do Outro Lado

João Soares
Do Outro Lado, 2022-2026
Impressão a laser sobre papel Fabriano

Editado por:
João Soares

Revisado por:
Ana João Romana

Publicação independente.

1.^a edição: Abril de 2026
1 / 6

Reservados todos os direitos aos autores das respetivas obras mencionadas.

Esta publicação é o resultado de uma dissertação pública de mestrado em Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, campus 3 do Instituto Politécnico de Leiria.

João Soares

Do Outro Lado

Mestrado em Artes Plásticas

Orientação

Ana João Romana
Nuno Faria

Caldas da Rainha, abril, 2026



João Soares

Do Outro Lado

Agradeço

Aos meus orientadores, Ana João Romana e Nuno Faria, pela disponibilidade, pelo acompanhamento cuidado, pelo imenso apoio, por respeitarem o meu tempo e pelo vosso interesse em publicações e edições de autor que, junto do meu, resultou neste objeto livro.

À minha Mãe e aos meus avós paternos pelo amor incondicional e por me criarem.

Às minhas amigas e amigos pelo apoio, pela partilha diária, pela troca de conhecimentos e pela amizade.

A quem, durante a execução desta dissertação, acreditou no meu trabalho e me convidou para o exibir em diversos locais, nacional e internacionalmente.

Por quem me apaixonei, porque por mais que não tenha durado, coisas boas resultaram.

Aos pássaros, aos rios e às primaveras deste mundo.

Aos artistas e poetas mencionados.

E a todos os restantes com quem tive a oportunidade de partilhar algum do meu tempo.

Fazem todos parte da minha história.

Resumo:

Nos últimos anos tenho vindo pela vida adentro em busca de me conhecer, de me compreender e perceber as razões que me fizeram ser quem sou e porque o sou. Ao longo desse percurso tenho vindo a reconhecer a força indomável do tempo, o permanente estado de mudança em que nos encontramos, a potência dos encontros que temos, a importância de prestar atenção ao que nos rodeia e a subjetividade no momento de interpretar palavras que por vezes dificulta a nossa comunicação. Tudo isto e muito mais tem sido fulcral na minha prática artística.

Reuni, então, diversos assuntos que têm sido como companheiros de produção. São eles o **Amor**; o **Autoconhecimento**; a **Auto-representação**; o **Conhecer**; o **Corpo**; o **Desenho**; o **Desgosto**; o **Esquecimento**; a **Identidade**; a **Maternidade**; a **Meditação**; a **Mudança**; os **Pássaros**; a **Performance**; a **Poesia**; a **Repetição** e o **Tempo**. A cada uma destas palavras-chave eu dedico um fascículo nesta dissertação.

Recorrendo a textos, imagens, filmes, citações, músicas e poemas, procuro expressar o que entendo por estas palavras e quais os seus significados para mim. Este trabalho não se apresenta como um dicionário convencional, mas antes como um objeto de natureza íntima e reflexiva. Procuro, assim, dar-me a conhecer, tanto a nível pessoal como através do meu trabalho plástico, convidando o leitor a aproximar-se daquele que é, para mim, o esqueleto essencial destes temas.

Abstract:

In recent years, I have been searching through life for self-knowledge, for understanding, and for the reasons that made me who I am and why I am who I am. Along this path, I have recognized the indomitable force of time, the permanent state of change in which we find ourselves, the power of the encounters we have, the importance of paying attention to what surrounds us and the subjectivity in interpreting words that sometimes hinders our communication. All this and much more has been central to my artistic practice.

I have brought together several subjects that have been like companions in my production. These are **Love; Self-Knowledge; Self-Representation; To Meet; the Body; Drawing; Heartbreak; Forgetting; Identity; Motherhood; Meditation; Change; Birds; Performance; Poetry; Repetition** and **Time**. I dedicate a fascicle of this dissertation to each of these keywords.

Using texts, images, films, quotes, music and poems, I seek to express what I understand by these words and what their meanings are for me. This work is not presented as a conventional dictionary, but rather as an object of an intimate and reflective nature. Thus, I seek to make myself known, both personally and through my practice, inviting the reader to approach what is, for me, the essential framework of these themes.

Índice:

<i>Agradecimentos</i>	4
<i>Resumo</i>	5
<i>Abstract</i>	6
<i>Preâmbulo</i>	8
<i>Do outro lado...</i>	
<i>do Amor</i>	
<i>do Autoconhecimento</i>	
<i>da Auto-representação</i>	
<i>de Conhecer</i>	
<i>do Corpo</i>	
<i>do Desenho</i>	
<i>do Desgosto</i>	
<i>do Esquecimento</i>	
<i>da Identidade</i>	
<i>da Maternidade</i>	
<i>da Meditação</i>	
<i>da Mudança</i>	
<i>dos Pássaros</i>	
<i>da Performance</i>	
<i>da Poesia</i>	
<i>da Repetição</i>	
<i>do Tempo</i>	
<i>Epílogo</i>	12
<i>Bibliografia</i>	15
<i>Índice de Figuras</i>	18

Preâmbulo:

Do Outro Lado não é apenas a minha dissertação. Esta foi pensada, projetada e planeada para ser um objeto que reflete a vida em mim, João Soares, e da vida que em mim até agora foi. Por isso organizei esta dissertação da melhor forma que encontrei: num livro flexível de múltiplas construções. Os capítulos tornaram-se em fascículos onde se abordam assuntos que cobrem a minha vida e o meu trabalho plástico. Certas nomenclaturas também foram alteradas para se enquadrarem com o objeto livro.

O título da dissertação sugere que existe um outro lado para além daquele onde estamos ou com que estamos familiarizados. Existem sempre vários lados de cada história, várias perspectivas das quais uma pode ser contada. Usualmente através de palavras, estas também se podem alterar dependendo da boca que as conta e dos ouvidos que as escutam. Mas e quando as palavras se mantêm as mesmas? E quando conto uma história mas quem a ouve a entende de forma diferente da minha? Embora exista o dicionário, quem nos garante que todos nos regimos pelo mesmo? Eu acredito que a vida tem impacto na forma como cada um interpreta cada palavra, e foi com base nesta crença que iniciei a minha pesquisa.

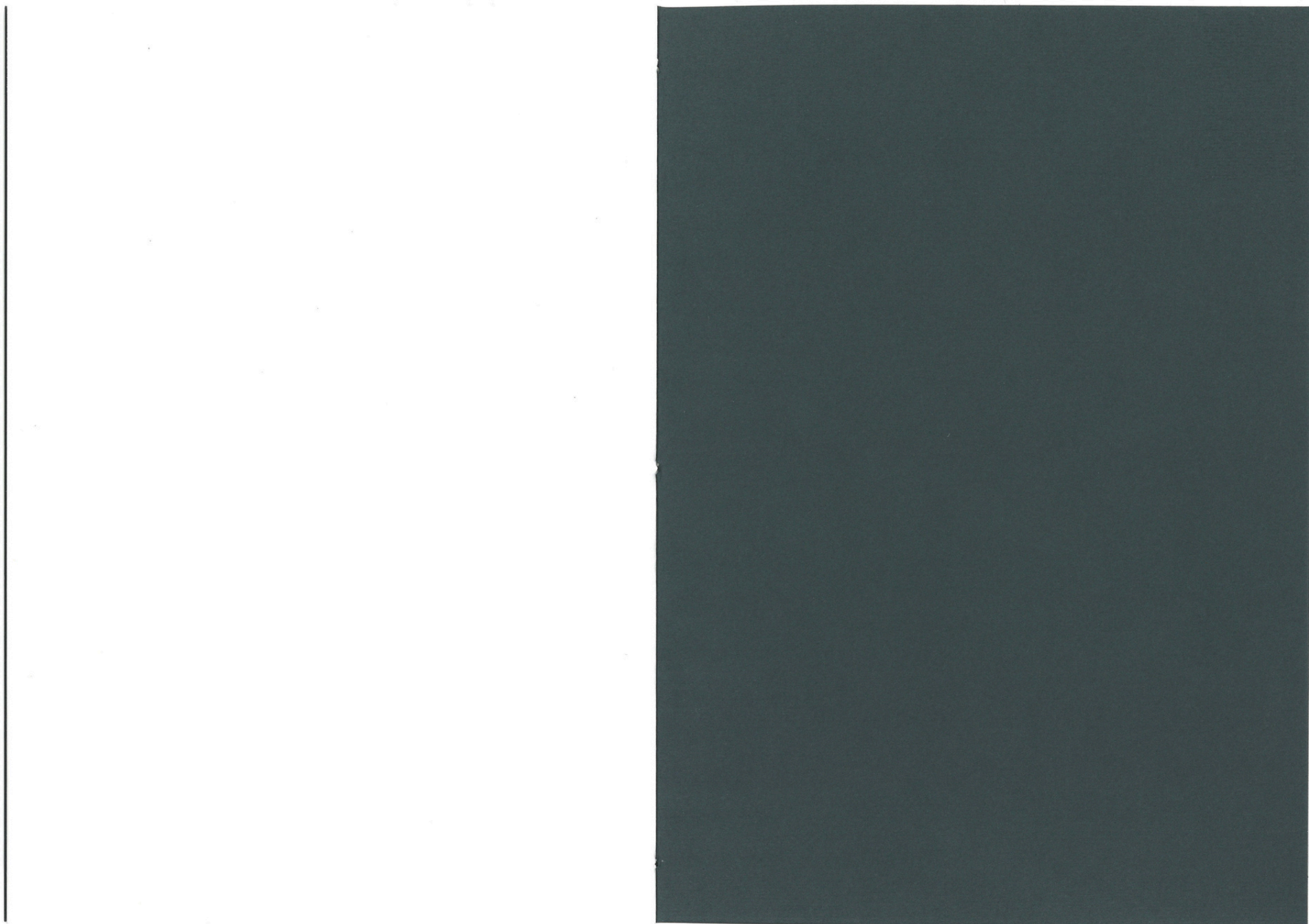
Os assuntos escolhidos e abordados não são exclusivos a mim ou ao meu trabalho, mas a minha compreensão e a forma como ajo sobre estes é. Daí o título dos fascículos se repetir em parte entre eles: "Do outro lado (...)" e prossigo a mostrar a minha perspectiva de cada tema. Neles podemos encontrar textos, imagens, filmes, citações, músicas e poemas que tenho vindo a reunir ao longo dos últimos anos, meus e de outros autores e artistas cujo o seu trabalho e/ou forma de viver me inspira e impacta de uma maneira profunda. Em cada fascículo existe uma tentativa minha de explicar o que acredito, entendo e compreendo sobre cada tema abordado.

Este formato fasciculado foi aquele que mais fez jus à forma como estruturei o meu pensamento. Permite evoluir a bidimensionalidade daquela que costuma ser a dissertação mais tradicional (corrida pelas suas páginas do início ao fim) que força o leitor a sair desta para deambular pelas ideias que pode conter. Os fascículos rompem os limites espaciais desse formato tradicional. Todos eles se tocam, se cruzam, estão interligados pela lombada que os cose sem os prender. Deambular entre eles sem que haja uma ordem estrita, permite andar entre as suas

ideias sem ser necessário desviar o olhar da dissertação, do livro que as carrega. Todas as paisagens encontradas na jornada de cada leitor resultam do e no meu trabalho.

Sugiro e peço com veemência que assim que terminarem de ler este preâmbulo que escolham o vosso próprio caminho. Ordenem os fascículos como bem entenderem, seja por preferência, curiosidade ou vontade de ler sobre determinado assunto, deixando para o fim o epílogo e o que para lá dele se segue no índice. Nesse meio tempo, são livres de voar. Dito isto, nalguma ordem tem de vos chegar esta dissertação, por isso optei por ordenar alfabeticamente os fascículos relativamente ao assunto abordado em cada um. Abstenho-me assim de uma escolha pessoal escolhendo uma ordem que me trespassa.

Embora tenha adotado um formato não convencional conforme as normas que nos são dadas para a produção de um documento destes, acredito que a minha dissertação reforça também a crença na qual esta pesquisa foi fundada - que a subjetividade de cada palavra pertence a cada um. Por isso explorei os limites das tais normas, chegando a um resultado que, embora diferente na sua estrutura, existe num terreno que abraça tanto as normas como a minha linguagem e expressão individual, fazendo jus ao meu trabalho (que acredito ser o mais significativo). Assumo, portanto, todas as escolhas que fiz para chegar a este resultado.





Do Amor



[1]



[2]

Nota: imagem cedida pela artista

Mariana Lourenço
Como escrever um romance, 2026
Cera de abelha sobre cerâmica
14x18,5x2cm

Lourenço, M. (2026). *Como escrever um romance* [Objeto]. Coleção particular do autor.
<https://www.instagram.com/mariana.lp.lourenco/>

Cisne

Amei-te? Sim. Doidamente!
Amei-te com esse amor
Que traz vida e foi doente...

À beira de ti, as horas
Não eram horas: paravam.
E, longe de ti, o tempo
Era tempo, infelizmente...

Ai! esse amor que traz vida,
Cor, saúde... e foi doente!

Porém, voltavas e, então,
Os cardos davam camélias,
Os alecrins, açucenas,
As aves, brancos lilases,
E as ruas, todas morenas,
Eram tapetes de flores
Onde havia musgo, apenas...

E, enquanto subia a Lua,
Nas asas do vento brando,
O meu sangue ia passando
Da minha mão para a tua!

Por que te amei?

— Ninguém sabe

A causa daquele amor
Que traz vida e foi doente.

Talvez viesse da terra,
Quando a terra lembra a carne.
Talvez viesse da carne
Quando a carne lembra a alma!
Talvez viesse da noite
Quando a noite lembra o dia.

— Talvez viesse de mim.
E da minha poesia...

Eartha Kitt: “(...) A relationship is a relationship that as to be earned, not to compromise for. And I love relationships. I think they’re fantastic and wonderful. I think they’re great. I think there’s nothing in the world more beautiful than falling in love, but falling in love for the right reasons, falling in love for the right purpose. Falling in love... Falling in love... When you fall in love, what is there to compromise about?”

Christian Blackwood: “Isn’t love a union between two people? Or does Eartha fall in love with herself?”

Eartha Kitt: “I think, if you want to think about it in terms of analyzing, yes. I fall in love with myself and I want someone to share it with me. I want someone to share me with me.”

Christian Blackwood: “Has that happened?”

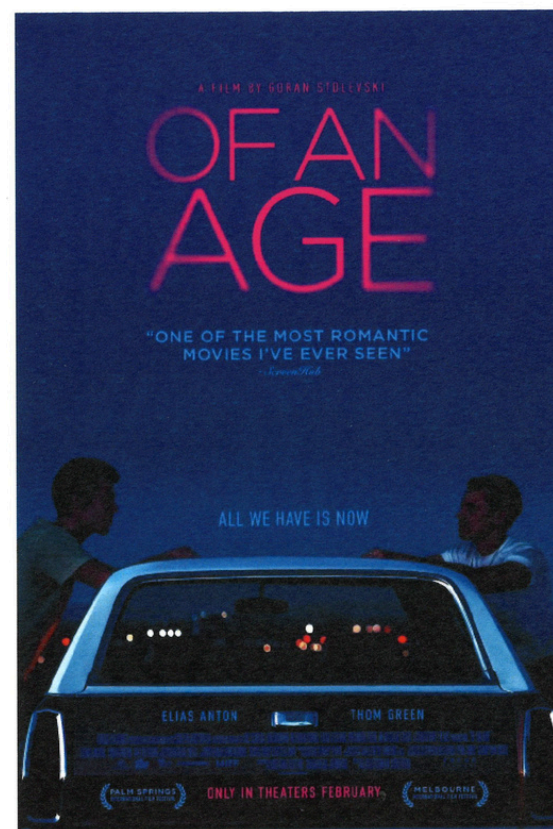
Eartha Kitt: “(...) Many, many times in many ways.”

Do outro lado do Amor

As manchas
e o aroma
nesta tua carta,
nestas tuas palavras,
sabem a café.

Senti-te o gosto de tão longe
nos lábios.

Do outro lado do Amor



[3]

Do outro lado do Amor

O amanhã sai do chão quando te vê chegar.
O ontem caiu de rastos quando te viu passar.
Mas hoje estás aqui comigo,
entre os meus braços e os meus beijos.
O tempo pára para nos observar
e pede por mil desejos.

Só Nós Dois

Grande amor da minha vida
Nunca se sinta sozinha
Meu amor, eu te prometo
A cada momento te fazer feliz
Meu amor eu agradeço
Para sempre o dia que eu te conheci

Quando à noite fizer frio
Nossa cama é nosso ninho
As conversas, as risadas
Pelas madrugadas nunca vão ter fim
Nos teus braços, meus abraços
Beijos demorados antes de dormir

Só nós dois
Só nós dois
Pra sempre eu quero estar
Ao seu lado, amor

Nunca em toda minha vida
Sonhei nada parecido
Ninguém te imaginaria
Ninguém sonharia alguém como você
Se hoje a realidade é bem maior que o sonho
Eu já sei por quê

Minha grande companheira
Quero a nossa vida inteira
Cada parte do caminho
Cada desafio junto com você

Saiba sempre que eu te amo
É lindo, é tão gigante
O que a gente tem

Só nós dois
Só nós dois
Pra sempre eu quero estar
Ao seu lado, amor
Ao seu lado, amor

Do Amor

Do Autoconhecimento

Do outro lado do Autoconhecimento:

Quando penso na minha vida desde o seu começo e como me sinto em relação aos anos que passaram, sinto que neles, em grande parte, vivi estagnado. Talvez colocar o verbo viver antes de estagnado seja incongruente porque a realidade é que não me sentia vivo. Era um mero espectador a ver o tempo passar. Claro que não era constante esta sensação, haviam dias e dias, mas na sua maioria eram cobertos por este sentimento de dormência.

Os anos foram passando e eu fui marcado por diversos acontecimentos. A morte do meu avô. O divórcio dos meus pais. A mudança de turmas, de escolas, de casa, de rotinas, de amigos. Tudo isso, embora soe simples, banal, trivial, fez com que eu começasse a questionar a veracidade da minha vida, das relações que fui criando e cuidando só para as perder, a minha identidade. “Quem sou eu? Quero estar aqui? Eles mudaram tanto! Eu mudei? Sou quem quero ser? Estou com quem quero estar? Sei alguma verdade sobre mim? Gosto de quem sou? Gosto de quem me estou a tornar? Se não sei quem sou, serão as minhas amizades verdadeiras? Do que é que eu gosto? O que é que eu quero para mim? E para o meu futuro? No que é que eu acredito? As pessoas gostam de mim? Porquê? Se nem eu realmente me conheço, alguém me conhecerá?” E em cada busca de uma resposta surgiam mais dúvidas.

Acho que a idade dos porquês chegou tarde para mim. Numa altura em que ao invés de questionar o porquê do céu ser azul ou para onde vai o sol quando se põe, todos os porquês eram existencialistas. Foi demasiado para mim. É demasiado para qualquer pessoa mas sobretudo para um jovem. Eu tinha 13 ou 14 anos quando me bombardeei com tal inquirição. Como é de esperar o resultado foi uma crise de identidade. Não saber quem era assombrava-me. Chorar virou rotina. O meu coração ficou ensopado de tanto lacrimar. Eram lágrimas o meu sangue. Eram dúvidas os meus olhos. Eram mentiras a minha mente. E assim foi durante algum tempo.

Sozinho me meti nesta alhada e foi sozinho que dela saí. Foi longo esse processo, mas foi apenas quando me comecei a ouvir por detrás de tantas perguntas que aos poucos as lágrimas foram secando. Tentei procurar lugares onde me sentia melhor. Tentei satisfazer as minhas vontades por mais insignificantes que parecessem. As perguntas que até então gritavam foram sendo abafadas, e com

calma e silêncio fui pegando uma a uma e ao meu tempo fui procurando respostas. Cheguei eventualmente a uma conclusão: não há apenas uma resposta para cada pergunta. Se eu cresço, mudo e aprendo com tempo, o mesmo acontece com cada resposta. E embora eu tenha superado essa crise de identidade e abraçado a mudança gerada pelo tempo, uma parte de mim ainda é aterrorizada pela chance de me perder novamente, de não saber quem sou. Por isso existe no meu trabalho uma busca eterna pelo meu autoconhecimento, é uma tentativa de me aproximar daquela versão do João Soares que vive no presente.

Criar é uma forma de processar, de refletir, e acima de tudo de me compreender a mim e aquilo que sinto. Como pessoa apática que sou - sim, considero que o sou e que o tenho sido há muito tempo - escrever poesia de certa forma valida o que sinto. Os meus poemas refletem desejos, vontades, turbilhões de pensamentos e sentimentos. É como se ser apático me tornasse num poço mais fundo que o normal, tão fundo que a água - os meus sentimentos e emoções, dores e angústias, vontades e desejos - se torna muitas das vezes inalcançável, impossível pra mim dela beber. Mas quando escrevo ganho-lhe acesso. Não sei se porque o que estou a sentir finalmente transborda desse poço ou se porque eu mergulho nele para finalmente a beber e saciar a minha sede.

Conectar-me com as minhas emoções tem sido um grande desafio, pois significa que para além de ter de compreender o que sinto no presente tenho também de compreender de onde tantas dores vêm e por consequência enfrentá-las. Fazer os meus desenhos dos pontos também ajuda neste processo, por isso é que pode ser muito exigente emocionalmente a feitura destes. Para seguir em frente tenho de olhar para trás, para aquela vida por onde passei a correr de olhos fechados, compreendê-la e reconhecê-la como minha.

Hoje, alguns anos depois de tornar esta busca um hábito, sinto-me mais em sintonia comigo mesmo, mais autêntico, respeito-me mais e o que quero é mais claro. Estou mais próximo do meu Eu do agora. Hoje compreendo melhor o meu interesse pelos meus desenhos dos pontos. Este vem da minha infância mas não só, vem também da minha relação conturbada com os meus pelos que me causam dismorfia corporal e que por sua vez tem a ver com as minhas relações com figuras masculinas ao longo da minha vida. Hoje sei de quem herdei o sentimento de espectador e a minha aversão a queixas constantes do que está para além de nós ou das nossas capacidades. Hoje tenho noção de onde e como surgiu o meu interesse pelas questões que abordo no meu trabalho artístico. E não são apenas

coisas grandes que me venho apercebendo com o tempo. Escrevi um poema muito curto que diz:

*Como canto o meu número de telemóvel
aprendi com a minha mãe.*

Como digo os números, todos individuais, e o ritmo em que os ordeno, aprendi a cantá-lo como ela. São também estas linhas que parecem insignificantes que constroem a trama do meu corpo e do meu ser. São também estes trejeitos que contam a minha história a quem souber ouvir, e eu procuro escutá-la com o interesse, dedicação e gentileza que merece.

Do outro lado do Autoconhecimento

Já pertenci a tanta coisa
Para tentar pertencer a mim

Do outro lado do Autoconhecimento

Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário.

Preciso Me Encontrar

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Quero assistir ao Sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar

Quero assistir ao Sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

(Deixe-me ir, preciso andar)
(Vou por aí a procurar)

A minha mão começa
onde acaba a manga.
Os meus dedos começam
onde cortei a luva.

Eu começo onde me descubro.

Do outro lado do Autoconhecimento

E foi assim que tudo começou:
eu tinha saudades de mim e procurava-me

Do Autoconhecimento

Da Auto-representação

Do outro lado da Auto-representação:

Algumas das minhas obras requerem a imagem ou a presença de um corpo ou pessoa. Na maioria das vezes retrato o meu para as executar. Embora grande parte destas não demandem a minha exata presença, sou eu quem mais facilmente aceita participar e sabe cumprir as exigências impostas por mim quando as projeto ou planeio. Por outras palavras, estou mais à mão e sei até onde posso abusar da minha própria boa vontade.

No entanto, não é absurdo utilizar-me como instrumento de criação quando, noutras vertentes do meu trabalho, é de mim que nascem certas obras de um carácter muito íntimo. Abordo a minha identidade, a minha vida, a minha relação com o mundo, com os outros, comigo mesmo, e a ideia de incontáveis versões que existem de cada um de nós cuidadosamente espalhadas pelo tempo e espaço. São como pontos alinhados que percorrem a delicada trama do espaço-tempo. Eu apenas acompanho constantemente o meu percurso e apenas eu o acompanho constantemente. Se sou lápis que traça uma linha nesta delicada trama, que outro riscador faria mais sentido usar para além de mim próprio?

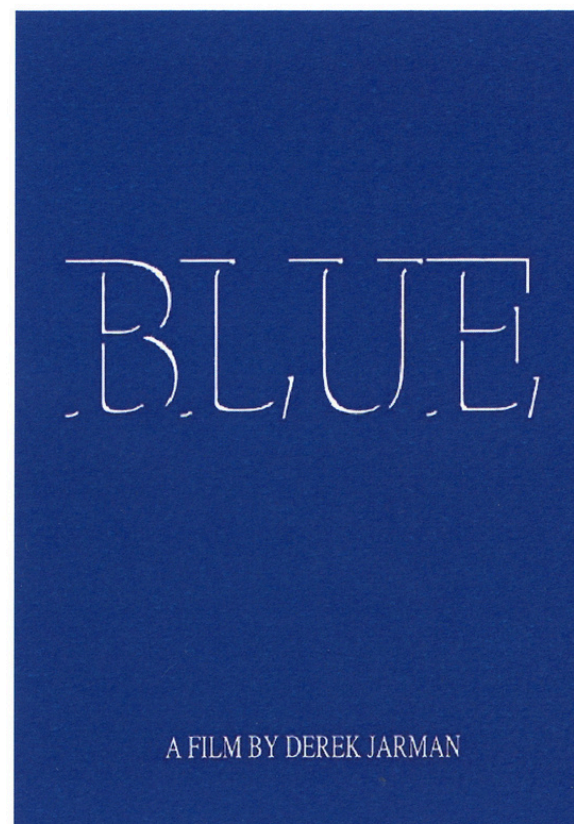
Esta escolha, para além de se demonstrar mais prática e a favor da produção, acredito que ajude também a consolidar o meu trabalho num todo. Isto porque se torna recorrente a presença do meu corpo, da minha imagem, da minha figura, da minha pessoa. Surge assim por consequência um conjunto de obras que de forma não intencional servem também como um arquivo que acompanha o meu crescimento e mudança. O retratado é simplesmente uma versão que existe no passado, independentemente da distância temporal, distância essa que nunca diminui e que segue apenas crescendo, afastando-se do tempo do presente. Ou, colocando noutra perspetiva, é o próprio presente que se distancia daquela versão retratada pertencente apenas ao passado.

A minha videoperformance “Mudem, moldem. Transformem o meu eu de agora.” é um exemplo perfeito. Nela abordo o tema da mudança vinda de fora pelas experiências e pessoas que nos rodeiam, mas também a vontade que vem de dentro, da vontade de mudar e de ser mudado pelo tempo. No vídeo assistimos repetidamente um conjunto de pessoas, uma depois da outra, a cortar mechas do meu cabelo, terminando comigo a cortar uma última madeixa. Embora simples, a performance poderia ser feita ao cortar o cabelo de outra pessoa, mas era fácil

e prático usar-me, eu estava disposto a tal. Esta performance (assim como as minhas outras) surgiu de uma ideia e experiência minha. Não eram aleatórias as pessoas que me cortaram o cabelo, estas eram amigas próximas com as quais tive a oportunidade de passar tempo com, de crescer, conversar, mudar e ser mudado. A cada uma delas foi-lhes oferecida uma parte de mim, a mecha que cortaram, que simbolizam todas as mudanças pelas quais passei graças a elas. Além disso, esta videoperformance só é exposta junto da madeixa que eu cortei no final do vídeo, madeixa tal que expressa a minha vontade interior de mudar e que aceita qualquer mudança que o tempo me possa prender.

Na minha opinião, o carácter pessoal valoriza a obra. É a camada que a Auto-representação acrescenta, que me faz ver sentido no que crio independentemente do cariz do objeto. O meu íntimo está presente em tudo o que faço, está presente na minha intenção, ou pelo menos é isso que procuro.

Do outro lado da Auto-representação



[4]

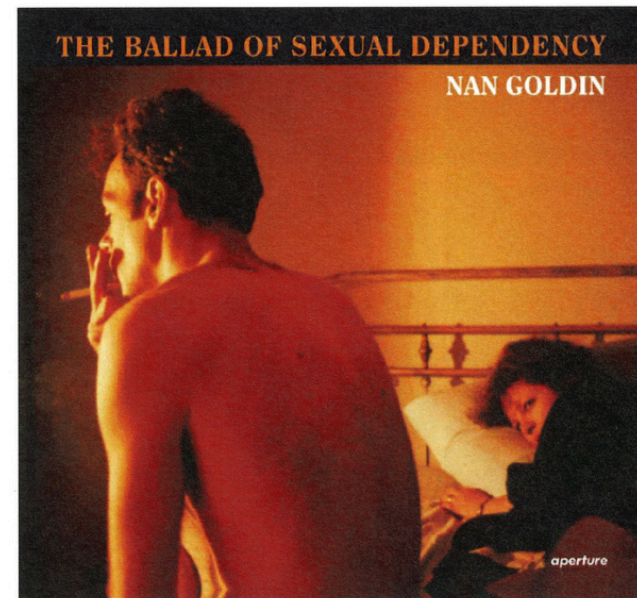
Jarman, D. (Realizador). (1993). *Blue* [Filme]. Basilisk Communications: Uplink; Arts Council of Great Britain; Opal; BBC Radio 3.



[5]

Tracey Emin
My Bed, 1998
Colchão, lençóis, almofadas e diversos objetos pessoais
79x211x234cm

Emin, T. (1998). *My Bed* [Ready-made]. Tate Gallery.
<https://www.tate.org.uk/art/artworks/emin-my-bed-l03662>

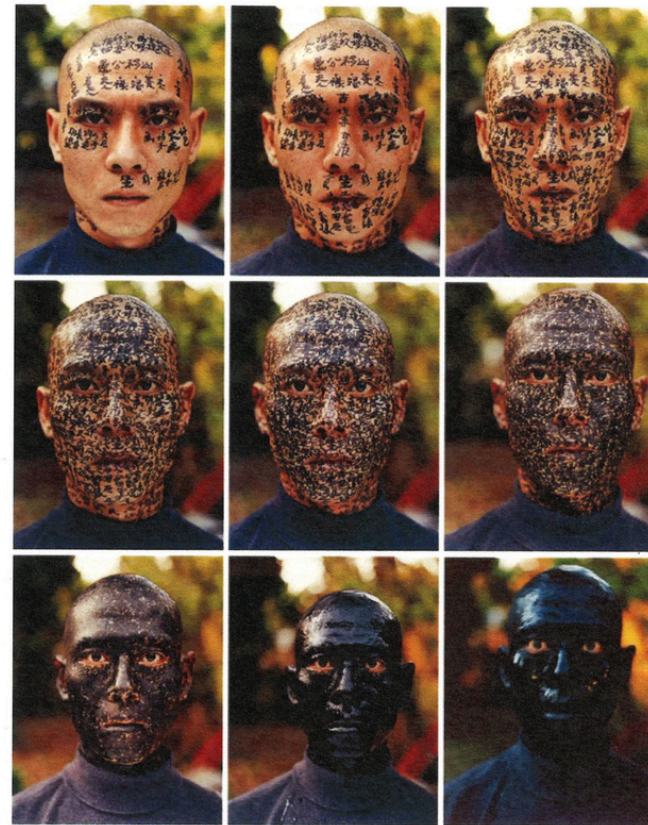


[6]

Nota: A imagem apresentada é a capa do livro que compila a coleção de fotografias. Originalmente a coleção foi exibida em espaços expositivos. Ainda hoje o é. A coleção é uma narrativa profundamente pessoal, formada pelas experiências da artista nos diversos ambientes e subculturas nas quais estava inserida. A própria Nan Goldin é retratada em diversas fotografias.

Nan Goldin
The Ballad of Sexual Dependency, 1973-1986
Coleção de fotografias
21,6x23,6cm

Goldin, N. (1973-1986). *The Ballad of Sexual Dependency* [Fotografias]. Gagosian.
<https://gagosian.com/exhibitions/2026/nan-goldin-the-ballad-of-sexual-dependency/>



[7]

Zhang Huan
Family Tree, 2000
Chromogenic print, 9 unidades
131.3x105x4 cada

Huan, Z. (2000). *Family Tree* [Fotografias]. M+. <https://www.mplus.org.hk/en/collection/objects/family-tree-20121355/>



[8]

Nota: Esta obra pertence à coleção de 70 fotografias chamada *Untitled Film Stills* (1977-1980) nas quais a artista pousa representando diversas mulheres como costumavam ser retratadas em filmes das décadas 1950 e 1960.

Cindy Sherman
Untitled Film Still #11, 1978
Gelatin silver print
17,9x24cm

Sherman, C. (1978). *Untitled Film Still #11* [Fotografias]. MoMA.
<https://www.moma.org/collection/works/56560>



[9]

Bas Jan Ader
Fall I, 1970
16mm
0'24"

Jan Ader, B. [@noisematters] (2025, 18 dezembro). *Fall I* [Video]. Instagram.
<https://www.instagram.com/p/DSa3LbWDxIR/>

Da Auto-representação

De Conhecer

Do outro lado de Conhecer:

Quando trago a palavra conhecer para esta pesquisa, trago-a no contexto de conhecer alguém, um ser vivo, respirante, próprio na sua individualidade e personalidade, com gostos, desejos e vontades. Conhecer é o ato de aprender sobre, mas conhecer alguém evoca diversas questões.

Para conhecermos alguém é necessário existir uma vontade de conhecer da nossa parte, mas essa vontade não é suficiente. Essa pessoa tem de nos permitir conhecê-la. Essa permissão é nada mais do que o consentimento, a abertura que ela dá que nos permite lentamente adentrarmos na sua realidade e aprender sobre esta. Mas não basta entrar no universo interior dessa pessoa, temos de avançar, explorar, e com olhos de ver observar. Conhecer requer atenção, e quanto mais elevada for, menos nos vai passar ao lado. Os trejeitos, a forma de falar, a entoação, os tiques e as manias, os bons e os maus hábitos, o brilho no olhar quando essa pessoa fala sobre determinados assuntos, ou a falta dele. Todos estes e outros detalhes, por mais insignificantes que pareçam, podem revelar muito sobre quem queremos conhecer.

Essa permissão é mais complexa do que uma resposta de sim ou não. Pode ser movida por vontades, desejos e interesses, mas acima de tudo, acredito eu, pelo conforto e o à vontade que sentem quando estão connosco. Esta é uma construção que requer tempo, que exige que confiemos no outro e que o outro confie em nós mesmo antes de nos conhecermos. Quando essa confiança for forte o bastante começará a derrubar barreiras que nos impedem de agir ou reagir de certas formas, seja por medo, por vergonha ou por qualquer outro motivo. E quanto menos barreiras existirem entre duas pessoas, maior é o conforto e o à vontade para ambas serem quem são, para serem genuínas na presença uma da outra, revelando cada vez mais lados delas próprias.

Para não falar de ouvir as palavras e os silêncios que nos são entregues. As palavras dizem-nos o que o outro nos quer contar - as histórias, as vivências, as opiniões, os valores, as crenças, a rotina, o que quer que seja que o outro nos quer fazer acreditar - enquanto que os silêncios nos dão a entender os sentimentos e emoções por detrás das palavras, presentes nos gestos e expressões que o corpo nos revela.

Outra questão que levanta é a existência de dois indivíduos. Esta pode ter uma rasteira. Conhecer alguém normalmente requer que haja uma troca - eu dou-me a conhecer e tu dás-te a conhecer. Mas e quando alguém nos conta de um terceiro, de um familiar há muito falecido? Por exemplo, quando a minha mãe me conta sobre a minha avó (materna) que faleceu antes de eu nascer. Seria esta uma forma de eu a conhecer? Eu diria que não. Eu estou sim a aprender sobre ela, mas não o estou a fazer com ela mas sim com a minha mãe. Eu guardo com carinho todas as histórias e palavras que me contam sobre quem foi a minha avó, mas eu nunca a vi, nunca a ouvi, eu nunca a abracei, por isso eu digo que não estou a conhecê-la. Falta a presença dela para eu realmente a conhecer, mas infelizmente isso não é possível. Além disso, nestas circunstâncias, não existe a confiança, não existe o medo ou a vergonha, não existe o à vontade, portanto não acontece uma troca.

Conhecer alguém é um ato íntimo, tão ou mais íntimo que o sexo. Mas é preciso lembrar que não é a revelarmos o nosso lado mais pessoal que as conexões se formam. Ou seja, não é suficiente simplesmente revelar os nossos segredos, medos, desejos e inseguranças que uma relação se vai formar, mas feito no tempo certo - que é um tempo específico e único para cada par de sujeitos - e com as vontades alinhadas, pode sim acontecer. Por isso é bastante importante a comunicação, para saber se ambos estamos na mesma página.



[10]



[11]

Tracey Emin
Everyone I Have Ever Slept With 1963-1995, 1995
Tenda com aplique, colchão e luzes
122x245x215cm

Emin, T. (1995). *Everyone I Have Ever Slept With 1963-1995* [Instalação]. Obra destruída.
<https://www.londonartroundup.com/reviews/why-i-like-it-tracey-emin-tent>

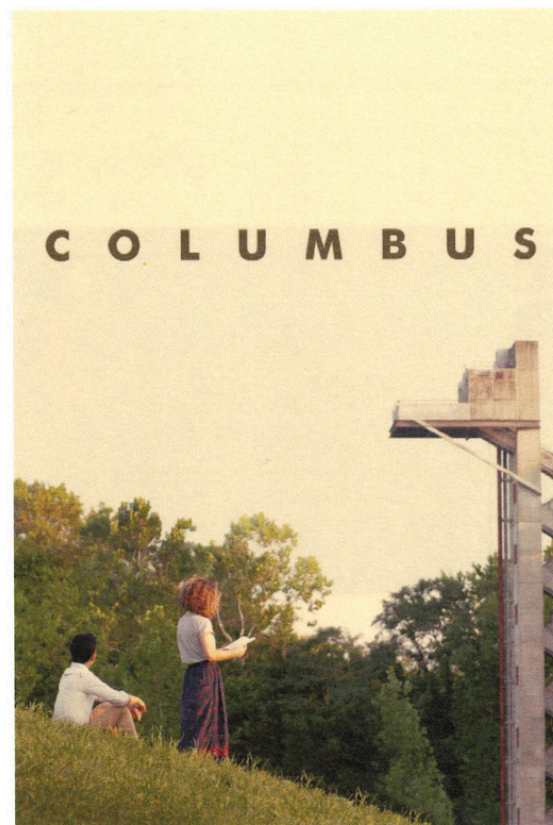
Do outro lado de Conhecer

Conheci-o
E quando virei as costas pensei
Que foi um prazer conhecer-me.

Do outro lado de Conhecer



[12]



[13]



[14]

Marina Abramovic
The Artist Is Present, 2010
Performance
716,30 minutos

Abramovic, M. (2010). *The Artist Is Present* [Performance]. Em *Walk through walls: a memoir* (pp. 308-322). Three Rivers Press.

Fala

Eu não sei dizer nada por dizer
Então, eu escuto
Se você disser tudo o que quiser
Então, eu escuto

Fala
La-la-la-la-la-la-la
Fala

Se eu não entender, não vou responder
Então, eu escuto
Eu só vou falar na hora de falar
Então, eu escuto

Fala
La-la-la-la-la-la-la
Fala

La-la-la-la-la-la-la
Fala
La-la-la-la-la-la-la
Fala

Poema da música de João Ricardo e Luli
Interpretação de Secos e Molhados

Secos & Molhados. (1973). Fala [Canção]. Em *Secos & Molhados* [Álbum]. Continental.

De Conhecet

Do Corpo

Do outro lado do Corpo:

O Corpo é uma ferramenta da alma. Talvez instrumento seja uma palavra mais justa no sentido musical do termo. É com ele que a alma toca, canta e dança pela vida adentro. É o Corpo que marca presença, que ocupa fisicamente o espaço, que afirma a nossa existência e que fica para trás como evidência quando a alma nos é ceifada pela morte. É com o Corpo que sinto o mundo, mas como me sinto no meu Corpo?

Sempre vivi com ele, e hoje com ele trabalho, e esta relação é a única que conheço. Normalmente experimento algo para saber se gosto, se não gosto, do que gosto, mas neste assunto não dá para comparar as experiências. Consigo comparar o meu Corpo com o dos outros, mas puramente com base na estética. Não é essa a questão que quero trazer para aqui. O que não consigo comparar é a relação que tenho com o meu Corpo com a relação que terceiros têm com os seus, e é justamente esse o assunto que me interessa: o vínculo entre cada alma e o seu Corpo. Como posso eu então chegar a uma conclusão se só tenho acesso a uma pele para vestir?

Bom, não esqueçamos que o Corpo se transforma e que a nossa relação com ele também sofre do mesmo. Posso então comparar a minha relação atual com antigas versões da mesma. É com base nisso que continuarei esta reflexão.

Durante a minha infância esta era uma questão que me era completamente alheia. Não pensava no meu Corpo. Era um veículo que usava apenas para brincar. Trepava às árvores, corria, fazia de conta ter as habilidades que nenhum ser humano possuía. Era um ser mágico, fantástico, e agora refletindo, imaginava-me diversas vezes a transformar partes do meu Corpo inspiradas em criaturas reais ou fictícias. A minha admiração pela fauna e mitologia claramente contaminava inconscientemente essas brincadeiras.

Na adolescência, quando tais jogos imaginativos passaram a ser cada vez mais raros, surgiu um novo olhar sobre o meu Corpo impulsionado pela puberdade e pela sua metamorfose. O meu pensamento, nesta altura já mais desenvolvido, ao deparar-se com tamanha mudança, viu-se obrigado a esconder o Corpo que carregava. Fui forçado pela minha história e pelas experiências do meu Corpo a cobrir-me. Até então, o contacto físico que já era escasso (independentemente do cariz do toque) passou a ser cada vez mais rejeitado. Aperceber-me do meu passado

provocou esta repulsa. Foram tempos solitários onde o pensamento deambulou demasiado por terras bravas, terras perigosas, espinhosas, e para sobreviver optou por se distanciar, se reprimir, se esconder tão longe do seu centro, do seu cerne, do seu eixo. Foi a época mais sombria da minha vida.

Quero continuar a escrever este texto, a refletir sobre este assunto, mas não quero nem me sinto capaz de o fazer de forma completamente aberta e honesta com quem o virá a ler. As palavras que contam a história deste Corpo (e da minha relação com ele) surgem embaciadas, regadas, ensopadas pelas minhas lágrimas - Como assim choro pela boca e pelas mãos para além dos olhos? - É-me um assunto delicado. Quando tenho que expor o meu Corpo motivado pelo meu profissionalismo consigo fazê-lo. A minha performance "O Meu Corpo" é uma prova disso. Por mais exigente física e emocionalmente que este ato possa ser, a minha dedicação e compromisso com o meu trabalho são suficientes para ultrapassar estas barreiras levantadas por traumas. Mas aqui, nesta reflexão, colocar em palavras as experiências traumáticas pelas quais o meu Corpo passou é uma barreira que ainda não consigo derrubar. Peço desculpa e compreensão ao leitor. Talvez inconscientemente eu próprio já soubesse deste impasse e por isso tenha demorado tanto tempo para escrever este capítulo, um dos últimos na ordem em que os escrevo.

Para finalizar (dentro da opacidade que as minhas lágrimas permitem) torna-se óbvio que a minha relação com o meu Corpo, embora conturbada, tem vindo a melhorar. Grande parte deste mérito é, acreditem ou não, do meu trabalho plástico. A primeira vez que os meus pontos surgiram num desenho ilustravam pelos de um Corpo masculino. Estes pelos, ao longo da minha vida, tornaram-se num símbolo que representa uma masculinidade abusiva e tóxica. Algo celebrado e exibido pelos machos viris que me rodeavam, pelas figuras masculinas que deveriam ser os meus arquétipos mas que acabaram por se tornar no modelo que mais desprezo e repugno. Ao longo dos últimos anos tem sido esta a batalha que tenho vindo a desbravar na minha vida privada: desconstruir esta posição em que inconscientemente coloquei os pelos e que afeta não só a forma como me relaciono com estas figuras masculinas presentes na minha vida, mas que interfere na minha relação/interação com outros Corpos com esta característica que é genética, é hormonal, e que está também presente no meu próprio Corpo.

Sou grato pelos mecanismos que descobri para lidar com esta pugna que apaziguam minh'alma. Afinal, o que é mais triste do que ser refém?

Sino da Vergonha

No prado, outros pastam nus,
de corpos lisos e macios
beijados por raios de luz.
E eu, ovelha de lã selvagem,
abafo os badalos deste sino
que tamanha vergonha faz ecoar
neste campo que me nasce no peito
e que escondo de qualquer olhar.

São poucos os que viram tais campos ao sol.
Cedo passagem apenas àqueles que buscam amor,
àqueles que buscam amar.
Aos restantes, desta paisagem vou privar,
e este sino que badala de vergonha,
junto aos campos deste peito vou guardar.

Do outro lado do Corpo

Não há solidão
comparável
à de vivermos longe de nós.

Do outro lado do Corpo



[15]

Ana Mendieta
Untitled (da serie Siluetas), 1978
Gelatin silver print
49.5x39.4cm

Mendieta, A. (1978). *Untitled (da serie Siluetas)* [Fotografia]. SFMoMA.
<https://www.sfmoma.org/artwork/93.219/>



[16]

Nota: Comecei em dezembro de 2025 a guardar os cabelos que me caíem durante a noite e os pelos que rejeito e expulso do meu corpo com o intuito de fazer uma peça com eles. A obra ainda está em desenvolvimento, não tem nome definido. Não tenho previsão de quando estará finalizada.

João Soares
(sem título definido), 12/2025-presente
Pelos, cabelos e frasco de vidro
12x20cm

“The body is the only direct way through which I come to know society and society comes to know me. The body is the proof of identity.”
(Huan, s.d., como citado em MIA)



[17]

Nota: Fotografia da obra montada em casa de um colecionador privado.

Félix González-Torres

Untitled (Ross), 1991

Rebuçados embrulhados em plásticos coloridos

Medidas variáveis consoante instalação

González-Torres, F. (1991). *Untitled (Ross)* [Instalação]. Felix Gonzalez-Torres Foundation.
<https://www.felixgonzalez-torresfoundation.org/works/untitled-ross>

Do Corbo

Do Desenho

Do outro lado do Desenho:

É difícil saber por onde começar a falar sobre Desenho. É algo tão vasto limitado apenas pelas margens mas cujos horizontes se prolongam para lá do que conseguimos vislumbrar. Não vou falar da sua história ou da sua utilização em diversas áreas pois não é isso que me interessa trazer para aqui, mas sim do que é para mim o Desenho.

Desde que me lembro sempre desenhei. Tenho nas minhas memórias diversos desenhos que se perderam com o tempo. Um deles é um retrato da minha mãe que fiz com marcadores da Giotto numa folha de impressão A4 numa manhã no ATL. Devia ter os meus 3 ou 4 anos de idade. A mesa era redonda e nela estávamos sentados apenas eu e mais duas amigas, duas irmãs gémeas. Lembro-me dos rostos delas, dos seus penteados, mas não me lembro dos nomes ou apelidos. No desenho que fiz da minha mãe ela tinha um vestido vermelho até aos joelhos, de manga comprida, cuja forma principal era triangular. Os seus cabelos encaracolados caíam-lhe sobre os ombros e eram castanhos escuros. Para a pele usei um cor-de-rosa forte e açucarado e os sapatos eram pretos com um leve salto. O rosto foi feito a preto também. Dois pontos para os olhos, uma linha curta para a boca que esboçava um leve sorriso, e um curto traço vertical para o nariz. Recentemente, num jantar de aniversário de uma prima, num momento de partilha de histórias e de álbuns fotográficos, deparei-me com uma fotografia da minha mãe vestida exatamente como a desenhei. A foto veio primeiro que eu ao mundo e nunca a tinha visto! Se a vi não me recordo.

Ter-me atentado deste curioso feito faz-me acreditar que não é de agora que os meus desenhos me querem contar ou mostrar algo. Certamente me fizeram pensar bastante, e continuam a fazê-lo. Infelizmente perdi de vista esse retrato que desenhei da minha mãe, mas mesmo depois de duas décadas este mesmo desenho continua a fazer-me pensar. Acho que é esta capacidade que o Desenho tem de olear o pensamento e de revelar que me faz agarrar-me a ele. Quando tenho a mente sobrecarregada de pensamentos barulhentos sobre tudo ou sobre algo em particular, desenhar sabe a arrumar a casa. É chato arrumar a casa, mas tê-la arrumada cheira a paz. Desenhar tornou-se num ato necessário para mim. Tornei-me dependente do Desenho. Talvez seja este um dos motivos pelos quais ainda tenho paciência e vontade para continuar a expandir o meu universo através deste meio.

Acho que é importante realçar que, embora eu tenha esta dependência por desenhar, os meus desenhos não dependem de mim para nada, mas ainda assim carregam algumas das minhas intenções, interesses e questões. As minhas obras desenhadas estão marcadas pelo tempo do processo, pela repetição paradoxal, pela energia introspectiva que demonstro durante a feitura destes, assim como todas as questões que levanto durante ou trago para esse processo. Isto os meus desenhos carregam por vontade própria, afinal nunca lhes digo como devem ser ou o que devem mostrar. Deixo-os à mercê do acaso. Deixo-os que sejam eles próprios a mostrem-me como são e como se chamam. Os seus nomes são-me sussurrados e as suas paisagens são-me reveladas aos poucos. Mas mais do que nomes e paisagens os meus desenhos mostram e transportam-me para um universo que só eu que os faço consigo adentrar. É tão escuro lá dentro. Não vejo céu ou horizonte ou sequer chão. Caminho eu então por essa imensa e vasta escuridão à procura de onde estou, à procura de quem sou. E o vazio é o ar que respiro, é a noite eterna de onde conspiro. Mas continuo a caminhar, continuo porque sei que alguma coisa quero encontrar. E por vezes deparo-me com memórias, com pedaços de histórias que vivi que me contam como fui e como agi. Essas memórias acabam por me esclarecer mas nunca sem levantarem mais questões, não basta apenas aprender as suas lições. Depois de assimiladas prossigo a caminhar pelo vasto infinito negro que me envolve, enquanto reflito sobre o que acabei de recordar, sobre as perguntas às quais ainda tenho respostas a encontrar. E este local para onde viajo com exclusividade é nada mais do que o meu interior. Ao desenhar os meus pontos estou a abrir uma passagem para este meu mundo interno que guarda tudo o que tenho de mais íntimo. São como uma fina membrana os meus desenhos. O suporte é a única coisa que me separa desse mundo. E contemplar os meus desenhos após terminados é como espreitar pelos buraquinhos dos estores à procura do meu âmago, do meu eu. O sentimento é o mesmo de quando eu era criança e estava sozinho em casa, no meu quarto às escuras com os estores aos buracos, e com o mínimo barulho vindo da rua eu aproximava o rosto da janela e espreitava pelos estores à procura de viver. Cresci a olhar para fora, a desejar o mundo. Hoje estou do lado de fora e olho para dentro.

É esta busca que desejo incentivar com os meus desenhos. Quero que quem os contemple se perca na paisagem e que nela encontrem algo e se aproximem um pouquinho do seu Eu do presente.

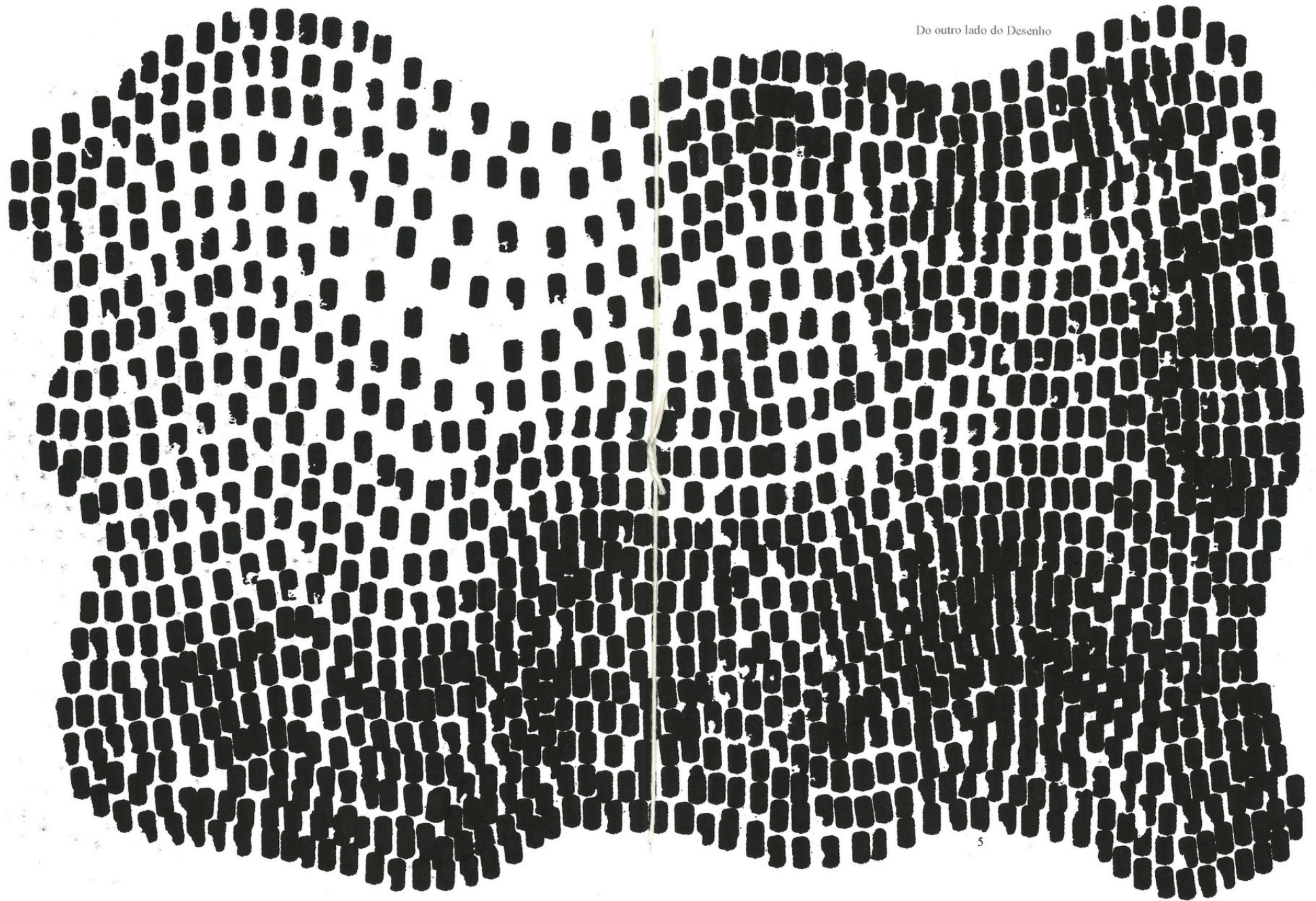
Conjuntamente graças aos meus desenhos consigo curar certas feridas que sangram mais fundo dentro de mim, além também de me ajudarem a aceitar certos aspectos que me são inerentes e aos quais durante muito tempo eu repulsava, escondia e censurava. É tão violento o ato de censura. É tão decadente se esta nos é auto-imposta. Quero estar longe dessa decadência, dessa violência, quero ser livre para desabrochar, para mudar e me transformar em quem o tempo desejar. Quero ser livre para ser quem sou, para viver, para amar, para morrer quando o meu tempo acabar. Até lá continuarei a correr atrás do João que vive no presente e irei apanhar pelo caminho as flores que deixou para trás. É desejo o meu desenho, e até lá irei continuar a desenhar.

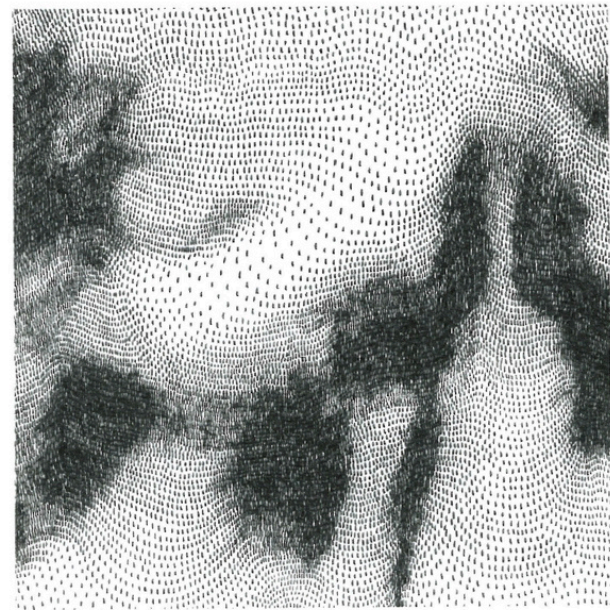
Do outro lado do Desenho



[18]

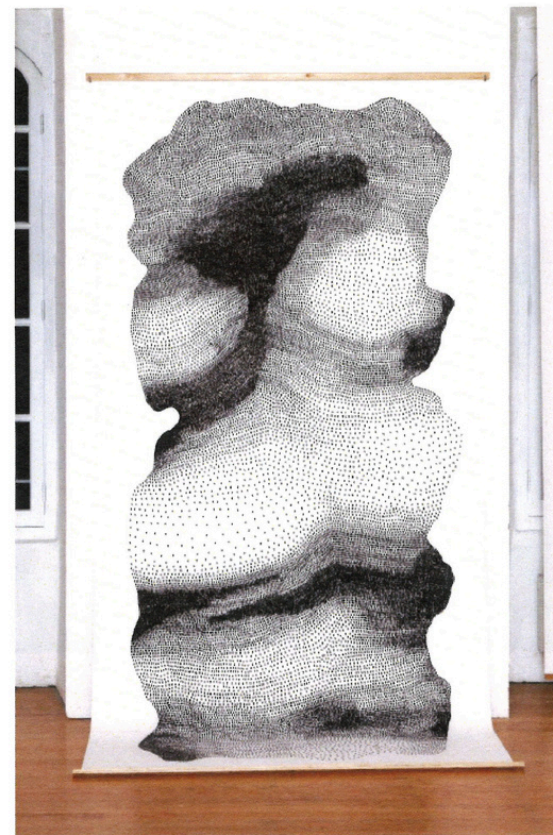
Do outro lado do Desenho





[19]

João Soares
Um sonho de ser pássaro, 2026
Caneta isográfica sobre papel
20x20cm



[20]

João Soares
Sem título, 2023
Marcador Posca sobre papel
305x155cm



[21]

João Soares
Tenho pensado em ti, bastante, 2024
Marcador Posca sobre pano cru
308x500cm

Do Desenho

Do Desgosto



[22]

Campo minado da tua mágoa

Ajudei-te a atravessar o campo minado
da tua mágoa
mas não saí de lá ileso.
Deixei para trás pedaços do meu coração
que ainda lá enterrados estão.

Mas a culpa foi minha
por me fazer acreditar que ias morrer,
que sem mim não ias sobreviver.
Nunca me disseste que querias um herói
e nunca me pediste para te salvar,
mas ver-te sofrer fazia-me crer
que era eu que te estava a magoar.
E deixar-te naquele campo minado,
sozinho e abandonado,
era deixar-te matar.

Não queria ser cúmplice
de um final tão trágico
por isso fui em tua direção.
Estendi-te a minha mão
e devagar voltaste a caminhar.
Foram dias e dias de explosões,
de lágrimas vertidas
sobre terras preenchidas
de estilhaços dos nossos corações.
Mas não há flores que cresçam
em terras tão maltratadas
como aquelas que foram por nós pisadas.
Terras essas que foram regadas
pelo sangue que escorria
das nossas feridas
causadas
pelas minas das tuas mágoas.

Dente-de-leão

Quando te conheci,
comecei a desejar a todos os dentes-de-leão
que cuidassem de ti.
Com o passar do tempo
comecei a desejar a todos os dentes-de-leão
que levassem a minha dor com o vento.

Do outro lado do Desgosto

Setembro

Agosto deu à luz o meu avô
Outubro mo tirou

Setembro está entre a vida e a morte

Deixei-te ficar com a última flor
que sobreviveu do nosso amor.
Fiquei de mãos a abanar
mas de boca cheia de palavras
sem os teus ouvidos para as semear.

Foi uma morte lenta e agonizante,
a da flor e do meu amor.
Sufoquei-me nas esperanças
e com as plantas que me cresceram na garganta,
que abafaram a minha voz branda
e me fizeram gritar pra dentro,
engolir o meu lamento,
apagar o pensamento
de que talvez um dia,
depois de algum tempo,
te voltasse a encontrar,
e um mais belo ramo de flores
te pudesse dar.



O futuro como aventura, projecto de Isabel Baraona, Ana João Romana e estudantes na ESAD.CR, na Cooperativa de Comunicação e Cultura em Torres Vedras; apoio LIDA & ESAD.CR
©João Soares, 2024

Financiamento por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto «1-IDB15-468-2020»

Nota: Este postal surgiu do convite da Ana João Romana e da Isabel Baraona, coordenadoras do projeto *O futuro como aventura*, integrado com o Vol. XIII das *Edições da Sala 5* criado e gerido também pela Ana João Romana.

João Soares
Noites de outono (cartão postal), 2024
Impressão a laser s/ papel
10x15cm

Do outro lado do Desgosto

O rio de água salgada onde te banhavas deixou de correr.
A nascente que conhecias secou.
Agora procuras por novas águas.

Não faças mais ninguém chorar como me fizeste a mim.

How to Get out Of Love

Be brutally honest
Be brutally honest to me
With my whole world as your witness
Lay it all on me
I don't want you
To hold back any little thing
I'm ready to have
My heart broken

I'll blow wind in your sails
I'll even walk you to the door
But please tell me
What you really think,
What you really think

I think I need your words
To feel like daggers in this love
For only then could I give up
The hope in my heart
For each time that I try
To put out my hope
A little flame lingers
And I'm back on your door
So be brutally honest
To me baby I know you can
It'll help me to get out
While I still can

How to get out of love
How to get out of love
How to get out of love
How to get out of love

I'll blow wind in your sails
I'll even walk you to the door
But please tell me
What you really think,
What you really think
Of me,
Of me

How to get out of love
How to get out of love
How to get out of love
As if it wasn't hard enough

I guess I'm just a little drunk
On a tiny piece of hope
And I wonder if it'll ever
Really go
Away

Do Desgosto

Do Esquecimento

Do outro lado do Esquecimento:

Não tenho o hábito de tirar fotografias ou fazer pequenos vídeos para registrar certos acontecimentos, certos momentos, e nos dias atuais paira um sentimento de inexistência provocado pela internet e redes sociais que, caso não estejamos ativamente online, não existimos. Por vezes eu forço-me a criar tais imagens que servirão de arquivo ou gaveta para tais memórias e, também talvez, para bater ponto nesse mundo virtual. No entanto, com o passar do tempo, acabo sempre por parar de o fazer, e ultimamente tem sido uma escolha consciente. Não porque não quero marcar presença no mundo ou porque não me quero lembrar de algo que apreciei - aquele fim de tarde, aquele concerto, aquela conversa, aquele reencontro, aquela celebração, aquela amizade, aquela paixão - mas porque tenho valorizado mais estar no presente, naquele momento, e saboreá-lo enquanto posso.

Tomar esta decisão alimenta tal sentimento de inexistência. Não tenho nada para partilhar, nada para mostrar, mas não é bem assim. Na realidade eu tenho, simplesmente não está no formato necessário para o fazer. Tenho o hábito de guardar pequenas lembranças, pequenos objetos materiais que acabam dentre as páginas do meu caderno, na parede do meu quarto ou numa caixa protegidos. Como os bilhetes dos concertos que assisti, os postais dos locais que visitei, pequenos desenhos que resultaram de certos encontros, frases que alguém disse no meio de uma conversa, a flor que encontrei ou que me foi oferecida. Todos estes objetos me permitem visitar tais momentos a eles atrelados, são as minhas fotografias digamos. Mas para além destes objetos materiais, tenho ainda as memórias de tais vivências. Estas são incorpóreas, invisíveis, etéreas, e o seu desapego à materialidade torna-as muito frágeis, muito voláteis, dependentes apenas da capacidade de as recordar de quem as carrega. As memórias acabam por estar constantemente assombradas pelo Esquecimento.

Tudo a que chamamos de passado sofre desta condição. Todas as pegadas deixadas pelo presente podem ser apagadas se não forem preservadas. Com o aumento da distância daquele momento no tempo relativamente ao presente mais suscetível está a memória do Esquecimento. Há no entanto um fator que calibra a resistência e perseverança de tais memórias, este é ditado pelo impacto de tal acontecimento causado na alma de quem o viveu. Quanto mais a forma da alma é afetada, maior a tenacidade da memória - a não ser que o evento seja de tal forma

violento e traumático que a lembrança se torna quase inacessível pelo inconsciente como mecanismo de defesa, mas ainda repercutindo na vida do seu portador.

A principal consequência do Esquecimento é o tempo. O rio que nos lava e nos muda também leva com ele certas memórias, também cria distância com as suas correntes. É uma entidade que remove e renova. Mas e quando me esquecer de memórias importantes, o que faço? Vêm-me as lágrimas aos olhos só de pensar nessa possibilidade. Tremo de medo, tremo de terror. Esse fantasma que me assombra é o do Esquecimento. Não me quero esquecer de nada ou ninguém e tão pouco quero ser esquecido, por mim principalmente. Este é um sentimento que me arrepiava mas que de certa forma guia as minhas ações. Este medo move-me, se eu ficar parado engole-me e apaga todo o meu percurso, morro.

Busco então, através dos meus desenhos dos pontos, através do seu processo de feitura, tais pegadas deixadas pelas memórias, as suas impressões digitais, o cheiro dos seus perfumes, qualquer pista que me faça recordar. Mas sigo estes indícios sem saber exatamente que memórias vou encontrar, ou mesmo se as vou encontrar, afinal, há sempre a possibilidade de estarem para sempre esquecidas. Mas nem sempre estão, por vezes estão apenas muito bem escondidas ou perdidas e outras estão muito bem enterradas.

Quando me recordo de algo, analiso então essa memória para tentar perceber se aquele acontecimento, aquela conversa, tivera alguma repercussão em mim, e se ainda é visível nos dias de hoje. Ao fazê-lo acredito também que estou a reforçar essa memória, a torná-la mais resistente ao tempo e ao fantasma do Esquecimento. Estou a conhecer-me, estou a montar as peças do puzzle que sou e que é a minha vida, e por vezes revelam-se coisas tão impactantes que sinto na alma e no peito, podendo até acrescentar ao meu próprio trabalho uma nova carga. Afinal, foi assim que ele se foi desenvolvendo, recordando memórias que acreditava estarem esquecidas, conectando pontos entre elas, chegando a conclusões que justificam certas ações e reações, escolhas e comportamentos.

Desenho para recordar. Recordo para não me esquecer. Esqueço para mudar talvez, mas o sentimento de me perder está vinculado ao Esquecimento que por sua vez é consequência do tempo.

Há um elo secreto entre a lentidão e a memória, entre a velocidade e o esquecimento. (...)

Na matemática existencial (...): o grau de lentidão é directamente proporcional à intensidade da memória; o grau da velocidade é directamente proporcional à intensidade do esquecimento.

(Kundera, 1995. pp. 30-31)

Nota: A cantora e compositora Ana Roxanne tem uma canção onde cita directamente este excerto do livro *A Lentidão* de Milan Kundera. Foi a sua canção que me levou a adquirir e ler esta obra literária. *Slowness* (também o título da obra na tradução em inglês do livro) é uma das canções do EP ~~~. Fica aqui a minha recomendação ao leitor.

Kundera, M. (1995). *A Lentidão* (pp. 30-31). Edições ASA.

Memória

Ainda te lembras de mim?
Ainda sabes de onde eu vim?
Quem sou esta que aqui estou?
Diz-me no meu olhar triste
Que alguma memória existe
E ainda sabes quem sou

Diz-me se ainda tropeço
Se me alegre, se agradeço
Ou se ainda sei cantar
Recorda-me, por favor
Alguma coisa, o que for
Que eu não consigo lembrar

Vem comigo pela cidade
Diz-me com sinceridade
Se tu te lembras de mim
Onde cresci e amei
Com quem vivi e me dei
Ou, se a algo, eu pus fim

Será que tu me conheces?
Que o tempo passa e não esqueces
Quem eu fui e sou, enfim
Ó, meu doce coração
Diz-me se sabes ou não
Ainda te lembras de mim?

Siempre que me acuerdo de algo
Siempre lo recuerdo un poco diferente
Y sea como sea ese recuerdo
Siempre es verdad en mi mente
Y si mi alma se derrama
Y la falta de pasado es el olvido
Cuando muera, solo pido
No olvidar lo que he vivido

Será que tu me conheces?
Que o tempo passa e não esqueces
Quem eu fui e sou, enfim
Ó, meu doce coração
Diz-me se sabes ou não
Ainda te lembras de mim?

Eternamente

Só mesmo o tempo
Pode revelar o lado oculto das paixões
O que se foi
E o que não passará
Inesquecíveis sensações
Que sempre vão ficar
Pra nos fazer lembrar
Dos sonhos, beijos
Tantos momentos bons

Só mesmo o tempo
Vai poder provar
A eternidade das canções
A nossa música está no ar
Emocionando os corações
Pois tudo que é amor
Parece com você
Pense, lembre
Nunca vou te esquecer

Vou ter sempre você comigo
Nosso amor eu canto e cantarei
Você é tudo que eu amei na vida
Nunca vou te esquecer

Só mesmo o tempo
Pode revelar o lado oculto das paixões
O que se foi
E o que não passará
Inesquecíveis sensações
Que sempre vão ficar
Pra nos fazer lembrar
Dos sonhos, beijos
Tantos momentos bons

Do outro lado do Esquecimento

Amei todas as perdas.

Perdi a memória

Perdi a memória
Turbou-se-me o pensamento
Não posso contar a minha história
Perdi a razão do tempo
Quebrou-se o espelho
Não sei como sou
Não sei se sou novo ou velho
Não sei onde estou

No meu quadro eu só tenho esta visão
Tantos olhos apontados à minha mão
Não tem sinal nem posição
Do bem ou mal não tem cartão
Não trago marcas de solidão
Nem gargalhadas de emoção

Perdi a lembrança
Da mente risquei
A história que não me interessa
A história que eu não serei
Limpei a cabeça
De tudo o que ela não quer
E ao corpo fiz a promessa
Só serve pr'ó que eu quiser

Será vossa imagem
Que me convém
Ao sair da desfocagem
Não vi ninguém
Não quero ver o que enganei
Nem quero ter o que eu já dei
Não quero ver o que enganei
Nem quero ter o que eu já dei

Limpei a cabeça
De tudo o que ela não quer
E ao corpo fiz a promessa
Só serve pr'ó que eu quiser
Só serve pr'ó que eu quiser
Só serve pr'ó que eu quiser
Só serve pr'ó que eu quiser
Só sirvo pr'ó que eu quiser



[24]

Do Esquecimento

Da Identidade

Do outro lado da Identidade:

Mesmo antes de me aperceber, a identidade sempre foi um tema que me interessava. Fosse em que contexto fosse - nas artes plásticas, na música, na moda, na escrita, no cinema, e por aí vai. Quando era pequeno, havia de ter os meus nove ou dez anos, afirmava com convicção que queria ser cantor, um daqueles que escreve os versos das próprias canções, daqueles que cantam sobre a sua vida, sobre as suas experiências, sobre o amor, sobre aquilo em que acreditam, que partilham com o mundo um pouco deles. E era com músicos como estes que eu partilhava os meus dias, e atrevo-me a dizer que não eram as músicas deles em si que me atraíam, mas sim o fato de através delas eu sentir que estou a conhecer alguém que admiro. Como eles pensam, como criam, como sentem, como choram, como vivem. Hoje diria que os meus artistas prediletos são esses que revelam um pouco do seu íntimo, da sua história ou da sua identidade nas suas obras, sejam eles músicos, artistas plásticos, poetas, realizadores, enfim. Mais de dez anos se passaram e o meu percurso tornou-me num artista, num criador, num pesquisador, onde através das minhas obras procuro trabalhar sobre este tema que me é tão fascinante como é de complexo.

A identidade é algo único para cada indivíduo. Não é algo que se possa dividir em partes iguais mas sim uma mistura de diversos componentes atrelados a contextos e circunstâncias. É um acúmulo de conhecimentos, experiências, conversas, ideologias, valores, interesses, de tempo vivido, sobre um conjunto de características que nos é atribuído logo a partir do momento em que nascemos. Embora muitos de nós tenham características ou experiências semelhantes, a mesma e exata combinação destas nunca se repete. É isto que dá a cada indivíduo o seu valor e riqueza e nos torna únicos e insubstituíveis. Como diz Amin Maalouf “*My identity is what prevents me from being identical to anybody else*” (Maalouf, 2003, p.10).

Como Maalouf, eu também examino a minha identidade assim como outros examinam a sua consciência, mas o nosso objetivo não é encontrar uma lealdade essencial na qual nos consigamos reconhecer. O que pretendemos é vasculhar as nossas memórias à procura do máximo de fragmentos da nossa individualidade e depois montar e organizá-los, aceitando-os todos como parte de nós e da nossa identidade. Ao fazê-lo acredito que consigamos viver de forma mais autêntica.

“IDENTITY ISN'T GIVEN ONCE AND FOR ALL: it is built up and changes throughout a person's lifetime” (Maalouf, 2003, p.23). Não é algo que se toma consciência simplesmente ao crescer. Vai-se desenvolvendo e transformando com o tempo. Daí a importância de nos irmos conhecendo a nós próprios. Eu não sou a pessoa que era à 10 anos, ou à 5 anos, ou à 1 ano, ou à 6 meses, ou 1 mês, nem mesmo sou quem era na semana passada, ou ontem. Eu mudei e vou continuar a mudar e não vou lutar contra isso. Vou trabalhar para nunca deixar de saber quem sou.

Inquérito

Se o teu filho for aquele
Que vir lama onde a água é pura,
Não o deixarás ser ele,
Se o teu filho for aquele
Que a si próprio se procura?

E se o teu filho tiver
Olhos cheios de luar?

Se o teu filho for Poeta
Não o deixarás cantar?

Love after Love

The time will come
when, with elation
you will greet yourself arriving
at your own door, in your own mirror
and each will smile at the other's welcome,

and say, sit here. Eat.
You will love again the stranger who was your self.
Give wine. Give bread. Give back your heart
to itself, to the stranger who has loved you

all your life, whom you ignored
for another, who knows you by heart.
Take down the love letters from the bookshelf,

the photographs, the desperate notes,
peel your own image from the mirror.
Sit. Feast on your life.

Ele perguntou-me:
em que medida é que isso te
marcou?

Eu pergunto-lhe:
Como se mede uma raiz?

Chego à janela porque preciso de ar e de árvores. Ah, se não fosse esta velhinha
janela onde me vou debruçar para ouvir a voz das cousas, eu não era a que sou.

Joãozinho

Perdeu as asas nesse bando
E foi voar à solta
O cãozinho a meio da sesta acordou
Até lavar o nosso pranto
Cantou a boa nova
E agora vai vivendo sem pressa

Se falhar não é perder
É só um pretexto pra recomeçar
E a regra vai quebrar até mudar a norma
Rio turvo a nascer
Não fuja desse teu particular
Que a resposta tá lá ao fundo na foz

Uh se não há um tempo certo
Pra crescer e ficar esperto
Cada qual o seu
Uh não faz mal cair ter medo
Vá não chores em segredo
Se não choro também eu
Deixa lá, João

Se a mudar voltou ao mesmo
E o dia soube a uma lembrança
A mudança a um regresso
E o regresso a uma mudança
Perdoa essa gente tão chata
Que a vida boa é sem ter anjo da guarda

Um dia vai bater
E sem ligar ao que eles vão achar
O mistério ali à espreita ainda sabe a pouco
Rio turvo a correr
E o que à nascente te quis separar
Foi só pra te entregar lá no fundo da foz

Uh quem te quis doirar a história
Em conquistas e vitória
Quanto te escondeu
Uh pra te ver fuçar na escola
Ser macho e jogar à bola
Mas se isso aborreceu
Deixa lá, João

E vive sem pressa
Deixa lá, João
Que há coisas neste mundo
Que se encantam só para ti

Quanto mais próximos estamos de nós,
mais palavras temos para tudo.

Quando coincido comigo,
sou princípio
sou fim
sou verbo
na ponta de um lápis muito afiado.

Da Identidade

Da Maternidade



[25]

Açúcar amarelo

O meu avô tinha sempre um chupa-chupa ou uma mã' cheia de rebuçados para me dar quando o visitava. Guardava-os no bolso do casaco. Quando ele faleceu tinha eu 3 anos. A minha avó continuou a dar-me doces nos anos seguintes. Ela dizia-me para ir abrir a porta do armário do lado do sofá e tirar uma mã' cheia de rebuçados de dentro de um saco de plástico. É por causa deles que sou guloso. Muitas vezes a avó descascava-me laranjas, cortava-as aos pedaços e polvilhava-as com açúcar amarelo. Era o meu lanche favorito laranjas com açúcar amarelo, tinha ser do amarelo. Ela guarda-o ainda na mesma lata, sobre a mesma mesa, ainda ao lado da mesma caixa do pão. Gostava sempre de surrateiramente pegar numa colher de sopa e comer uma ou duas colheradas de açúcar amarelo. Eu achava-me surrateiro, mas a minha avó sabia sempre que lá ía, ainda assim não me ralhava. Ela também é gulosa.

Do outro lado da Maternidade



[26]

John I Love You

(...)

Child, you're tender

Your name's a whisper

There's life outside your mother's garden

(...)

Praia

A minha mãe tem medo do mar. Já quase se afogou, conta-me ela de voz trémula. Por esta razão, nunca me levou muito à praia. Nas raras vezes que íamos, trazíamos connosco livros de colorir e de sopa de letras. Ficávamos à sombra, deitados na toalha. Era assim que nos entretínhamos.

A Praia da Parede da Vitória (ou Praia das Paredes, como sempre lhe ouvi chamar) era sempre a escolha da minha mãe. A Ribeira de Paredes serpenteia pela praia para deságuar no mar, e cria um espelho de água raso. Era esse o único sítio onde ela me deixava banhar.

Ainda hoje não sei nadar, mas soube, desde cedo, mergulhar de cabeça nos desenhos e nas letras.

Sábias

A minha Avó diz:

Quem dá o que tem, amigo é.

A minha Mãe diz:

Quem dá o que tem, a mais não é obrigado.

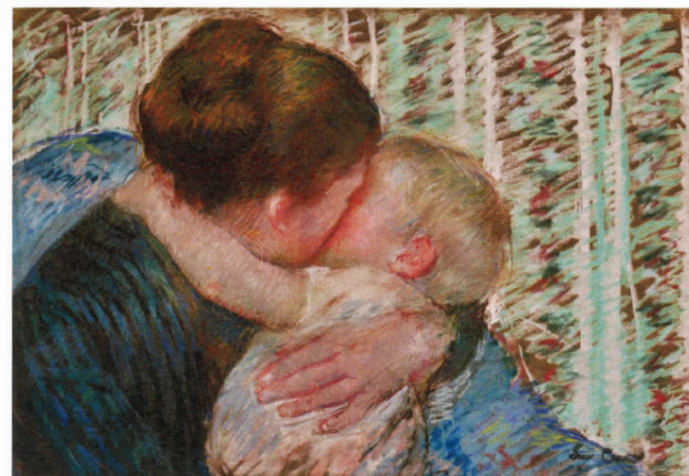
Eu digo:

As duas são sábias.

Do outro lado da Maternidade



[27]



[28]

Mary Cassatt
Mother and Child (The Goodnight Hug), 1880
Pastel sobre papel
42x61cm

Cassatt, M. (1880). *Mother and Child (The Goodnight Hug)* [Pintura]. Coleção privada.
<https://www.virtualartacademy.com/american-impressionism/>

Da Materialide

Da Meditação

Do outro lado da Meditação:

Acredito que muitos possam associar a prática da meditação a certas religiões e crenças espirituais (como o budismo, hinduísmo, taoísmo, etc.), e embora esta tenha uma grande presença e importância nelas não lhes é exclusiva.

Meditar é considerar, pensar sobre, é refletir acerca de qualquer assunto. É contemplar a paisagem mental que carregamos inspirada nas paisagens do mundo que habitamos ou desejamos. É imaginar formas de ser, de escutar, de viver e de criar. É sentir a alegria e a tristeza mesmo quando a origem nos é exterior. É empatia e consideração pelo nosso corpo e alma, pelos outros semelhantes a nós e pelos outros diferentes de nós. É respeitar as terras e os céus, os rios e os mares. É uma busca pelo equilíbrio e conhecimento interior, pela autenticidade, pela compreensão e pela verdade. É portanto uma prática mental que estimula a nossa atenção, consciência, curiosidade e compaixão que com a sua execução nos possibilita agir de forma mais alinhada com o nosso cerne.

Existem diversas formas de meditar. Alguns recorrem a uma oração ou mantra, outros buscam auxílio da natureza ou do silêncio. Eu, em particular, encontrei acesso e conforto através da mecanização do corpo e da repetição do gesto. Eu incito esta prática na produção dos meus desenhos dos pontos. Ao automatizar o corpo para que repita uma determinada ação, caí na realização de que a minha mente fica livre para divagar. Rapidamente me deparei à procura de respostas a diversas perguntas. Perguntas essas que no início da minha prática estavam determinadas em compreender a motivação que me levava a desenhar cheio de entusiasmo um padrão tão simples. Com o passar do tempo obtive algumas respostas, percebi onde se inspirava este padrão, mas isso não saciou a minha curiosidade. As respostas foram surgindo acompanhadas de outras questões, e quando dei por mim estas haviam transcendido o meu trabalho e envolviam toda a minha experiência nesta vida. Comecei a encontrar respostas em memórias adormecidas dentro de mim e a aperceber-me que muitas destas, embora separadas por longas distâncias no tempo, estavam conectadas entre si. Foi assim que comecei em 2020 nos meus primeiros desenhos dos pontos. Com o passar dos anos e comigo a experimentar outras formas de produção, a meditação revelou-se também possível noutros processos criativos, como nos bordados e na poesia. Semelhante ao desenhar, também o ato de bordar exige repetição de um gesto. Este

é mais prolongado na sua essência, pois exige um movimento maior do corpo, além de existirem momentos de pausa como o de atar um nó ou trocar a linha, o que faz com que o motor demore mais para aquecer, e por conseguinte a meditação vem mais tardia. Na poesia meditar é mais inconstante. Pode surgir em qualquer momento de feitura do poema. O mais comum na minha experiência, é surgir após terminar de escrever um poema. Quando o leio reflito sobre o que escrevi e procuro compreender de onde surgem tais palavras e sentimentos. Pode surgir também a meio do poema quando estou a tentar escrever sobre algum assunto em particular, sendo eu a iniciá-lo. Diversos poemas resultam também das próprias meditações e das suas realizações, no entanto estes têm tendência para serem mais curtos que os restantes. Estas são algumas das formas em que a meditação surge hoje em dia na minha prática artística. Fora dela, conversas, filmes, livros, músicas, exposições, notícias, e muitas outras coisas podem também incitar diversas reflexões sobre os mais variados assuntos que podem também, claro, ser muito úteis quando crio algo. A meditação não está restrita apenas à minha prática ou a mim, é algo que todos fazemos por vezes de forma mais ou menos consciente durante os nossos dias.

Do outro lado da Meditação

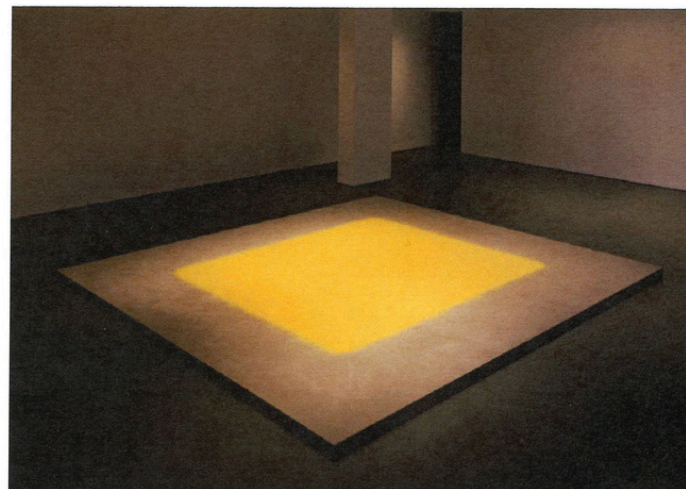


Ryuichi Sakamoto
async

[29]

Do outro lado da Meditação

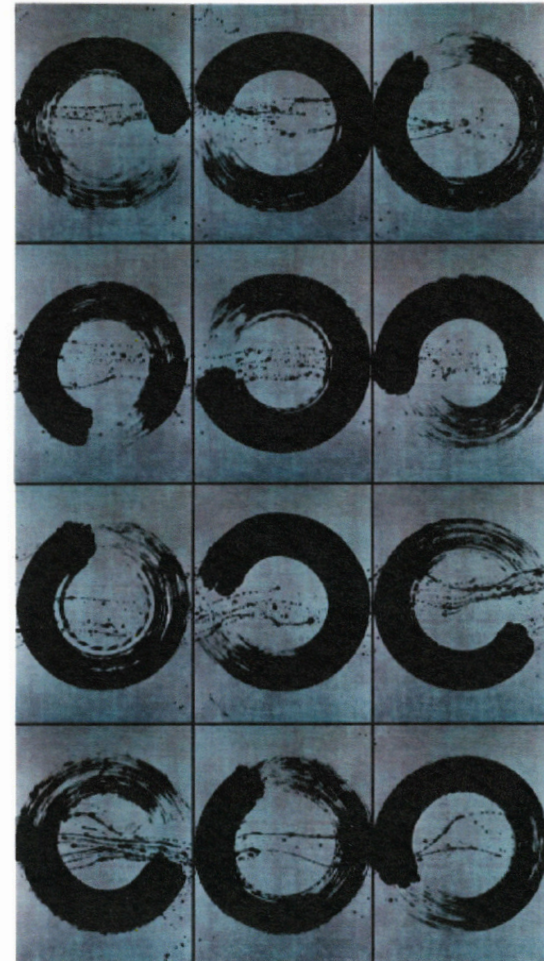
Quando os olhos se habituam à luz
consequimos dizer lentamente
o que mais pesa



[30]

Wolfgang Laib
Polyphonie, 2013
Polen de avelã
548,64x640,1cm

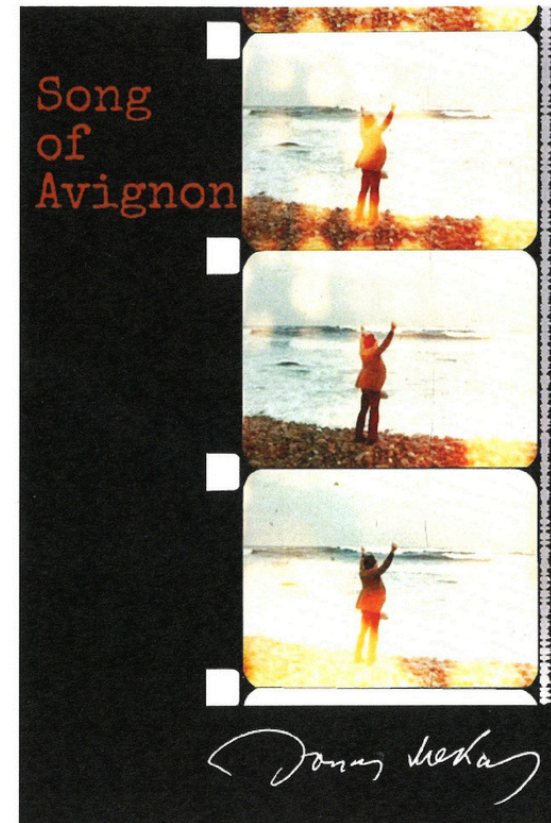
Laib, W. (2013). *Pollen from Hazelnut* [Instalação]. MoMA.
<https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1315?>



[31]

Fabienne Verdier
Polyphonie, 2011
Tinta, pigmentos e verniz sobre telas
735x407cm

Verdier, F. (2011). *Polyphonie* [Pinturas]. Fabienne Verdier.
<https://fabienneverdier.com/db/painting/polyphonie/>



[32]



Nota: Obra escolhida para representar a série *I Got Up* (1968-1979). Nesta série o artista enviou dois postais por dia onde neles carimbou a data, o seu nome, o seu endereço, o nome e endereço do destinatário e a frase “I GOT UP AT” seguida da hora em que se levantou da cama nesse dia.

On Kawara

APR - 1 1969, 1969

Tinta de carimbo sobre postal

15,2x23cm

Kawara, O. (2013). *APR - 1 1969* [Postal]. Guggenheim New York.

<https://www.guggenheim.org/teaching-materials/on-kawara-silence/postcards-i-got-up>

Da Meditação

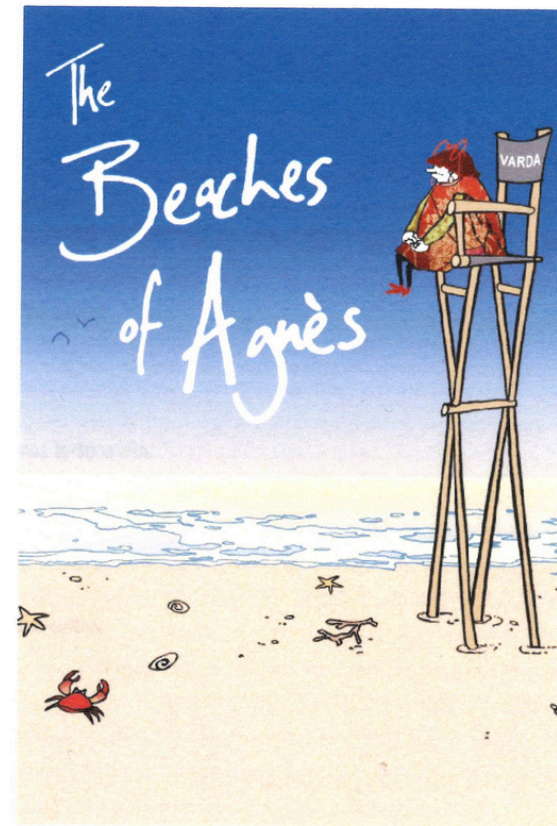
Da Mudança

Do outro lado da Mudança:

É comum ouvir e acreditar que a morte é a única certeza da vida, mas esta afirmação está errada. A morte é certa sim e a todos nos espera mas não é a única indubitabilidade. A Mudança está sempre presente, constantemente, e poderemos sempre contar com ela.

A Mudança é consequência do tempo, é imposta por ele, e assim como o tempo é ubíquo, a Mudança acaba por sê-lo também. Se o tempo se impõe sobre tudo e todos causa mudanças sobre tudo e todos também. Agora, é importante termos em consideração a resistência à mudança que cada ser ou matéria possui. As paisagens transformam-se a ritmos diferentes e com condições diferentes, mas nenhuma se mantém intocada pelo tempo. Todas elas estão a mudar neste preciso momento e cada uma de forma diferente. Geleiras diminuem devido ao aquecimento global, florestas continuam a crescer ao mesmo tempo que são desmatadas, dunas continuam a formar-se ou mover-se com a ação do vento, cidades continuam a expandir-se vertical e horizontalmente, oceanos continuam a aproximar-se do céu, até as estrelas mudam. E da mesma forma que todas as paisagens se transformam, também nós, como seres vivos, sofremos da mesma condição.

No seu documentário autobiográfico *The Beaches of Agnès* (2008), Varda disse o seguinte: *"This time to talk about myself, I thought: if we opened people up, we'd find landscapes. If we opened me up, we'd find beaches"* (00:00:41). Esta ideia mostra a complexidade da natureza humana e revela as múltiplas camadas que podem existir dentro de cada um. Como as paisagens, nós também somos construídos de diversos elementos e acontecimentos. Assim como as flores, as nossas emoções também crescem dependendo de como são ou não cuidadas. E se uma flor já se faz notar numa paisagem, imaginemos um vasto campo delas. Todas vão crescer ao seu ritmo, ter a sua própria forma e força, as suas pétalas e as suas folhas, as suas cores e as suas fragrâncias, cada uma terá as suas raízes. Falo de campos de flores para simplificar esta metáfora, porque noutras paisagens consideremos outros elementos ou variedades deles. Agnès Varda encontra praias no seu interior, e pinta-as como ela as pintou no seu documentário. Eu não sei dizer que paisagem mora em mim com certezas, mas sei hoje que nela passa um rio, que outrora foi um campo de guerra, que hoje finalmente vejo algumas flores a desabrochar, que pelo céu voam os pássaros, livres, a cantar.



[34]

Tu tens um medo:
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo o dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.

Guy, ficarás surpreso ao saber que te escrevo de uma aldeia do sul, Ramatuelle. Só conheci a Riviera Francesa no verão, no inverno é muito diferente. Tudo voltou à normalidade, com sol e tranquilidade. Era mesmo o que eu precisava. Eu passei em Paris duas noites e dois dias terríveis. Separei-me da Geneviève, tristemente. Guy, assim como tu eu acho que ser leal a alguém é lindo, mas apenas o amor pode ditar esse tipo de atitude. Eu não amava a Geneviève, compreendes? No entanto, o seu amor era tão sincero e forte que desistir se estava a tornar num verdadeiro sacrifício. Eu poderia ter-me entregue ao seu amor como se fosse um refúgio. E eu acho que o amor é outra coisa e, em todo o caso, não é possível se não for correspondido. Saí de Paris, não quero lá morar, é muito difícil. Eu sei que amas Paris, mas seria impossível para mim ser lá feliz. Eu viajo, chego a aldeias, por elas passeio e reflito. É a primeira vez na minha vida que senti vontade de dizer este tipo de coisas a alguém. Por me sentir diferente, refugiei-me na solidão. É uma atitude difícil. Entraste na minha vida num momento inesperado e de uma forma inesperada. Os anos na Marinha não foram tempo perdido, pois foi lá que descobri o verdadeiro significado da palavra amizade e a sua importância. Aprenderás a conhecer-me melhor. Não estou desesperado nem nada de parecido. Simplesmente preocupado e indeciso. Devemos aprender a viver. Quando queremos mudar tudo e que tudo seja diferente, tornamo-nos originais, singulares, e podemos parecer loucos para os outros. Eu não sou louco. Creio que todos sonham em fazer aquilo que desejam. Vou viajar porque a mudança de cenário vai permitir-me ver as coisas numa nova perspectiva. A perspectiva de uma criança. Vou trabalhar para ser livre. Livre para manter o direito de escolher, de mudar, de ser diferente, portanto de ser eu mesmo. O que é belo na vida é que tudo muda constantemente e que nos foi dada a mesma capacidade de mudar. Do teu amigo, Daniel.

(Gilles, 1964, 74:27)

Nota: Esta é uma carta que encerra o filme de Guy Gilles *L'amour à la mer* (*Love at sea* em inglês). A tradução é livre e feita por mim a partir das legendas em inglês, francês e espanhol. Procurei preservar o ritmo e a construção frásica do texto original em francês recorrendo ao pouco que sei da língua.

Gilles, G. (Realizador). (1965). *Love at Sea* [Filme]. Filmax; Films Galilée.

Do outro lado do Mudança

nunca quise la nariz de mi padre me miraba en los espejos buscando cambios como
quien observa una flor esperando a que se abra

Maya Angelou: “I know that we’re all in process and as nice as this seat is and this room is, and how nice it is to be with you and have some relatives in the background and respectful and gracious directors and producers and floor managers around, this too will change. This will change. I know it. This cannot remain the same.

(...)

In a book of mine called “Gather Together in My Name” I’ve dealt with this, the house of prostitution. I was 18. I had no idea. (...) I had bravado, no bravery, just bravado. I mean, it was all superficial. And I don’t see a qualitative difference. I still have a lot of bravado. And I’m trying to grow into braveness, grow into courage. But I know that I didn’t come here to stay. I didn’t come to this Earth to stay any more than I came to London to stay. I’m in process, so I do the best I can all the time and I say bye. I may weep and gnash my teeth and wring my hands. But I’m gone.”

Movimento Dos Barcos

Tô cansado
De você também
Vou sair sem abrir a porta
E não voltar nunca mais
Desculpe a paz que eu lhe roubei
E o futuro esperado que eu não dei
É impossível levar um barco sem temporais
E suportar a vida como um momento além do cais
Que passa ao largo
Do nosso corpo
Não quero ficar dando adeus
Às coisas passando, eu quero
É passar com elas, eu quero
E não deixar nada mais do que as cinzas de um cigarro
E a marca de um abraço no seu corpo
Não,
Não sou eu quem vai ficar no porto chorando, não
Lamentando, o eterno movimento
Movimento dos barcos, movimento
Movimento dos barcos, movimento
Movimento dos barcos, movimento
Movimento dos barcos...

Do outro lado do Mudança

A minha história
é outra
e começa agora

Estou sempre
a começar

Da Mundaça

Dos Pássaros



[35]

Queridos amigos,

Por vezes vejo-vos passar mas não vos cumprimento. Não por vergonha ou por falta de vontade, mas porque quando reparo já foram com o vento. Observo de longe o vosso transitar e nisto atento na forma em que me cobre o vosso olhar. É tanta a pena que carregam... Como conseguem voar pelos céus com um peso tão grande? Fico a pensar se a atiram ao mar, se a guardam em vossos ninhos ou se usá-la-ão para voar?

De qualquer forma continuemos com esta simbiose que tanto me agrada, mas por favor não levem demasiado. Gosto de desviar o olhar do chão mas não quero deixar de sentir a terra. Quero seguir os meus sonhos, mas para isso não posso perder de vista o meu caminho.

É de tamanho a minha gratidão por vós, queridos companheiros. Desejo-vos os ventos e o céu inteiro para que nele possam livres voar. Aguardo ansiosamente pelas próximas vezes que vos verei passar.

Do vosso amigo e admirador,

João Soares

Do outro lado dos Pássaros

Há em ti a fadiga de uma asa muito tempo tensa.

Do outro lado dos Pássaros



[36]

João Soares
Pena da coleção Anjos da guarda, 2024-presente
Pena
12,9x3,3cm

Do outro lado dos Pássaros



[37]

A ilha

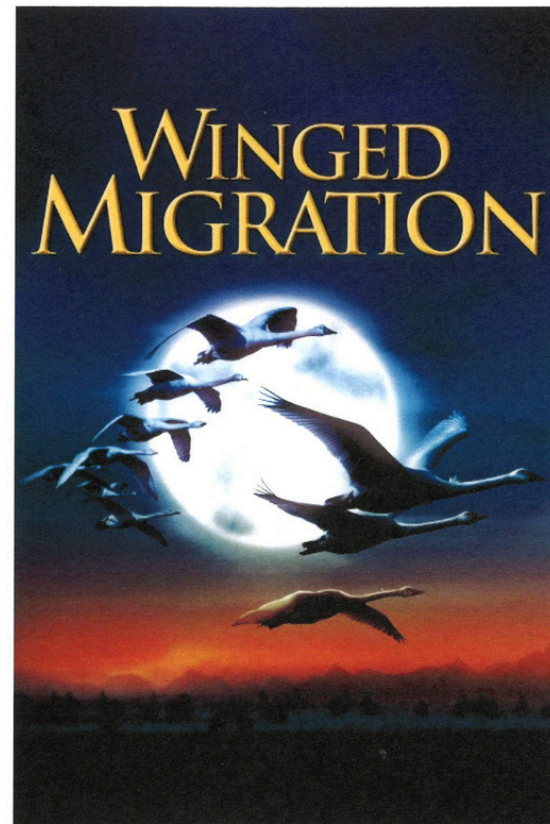
Olhamos tudo em silêncio na linha da praia
De olhos na noite suspensos do céu que desmaia;
Ai lua nova de Outubro, trazes as chuvas e ventos,
A alma a segredar, a boca a murmurar tormentos!

Descem de nuvens de assombro taínhas e bagres
Se as aves embalam os peixes em certos milagres;
Levita-se o corpo da alma, no choro das ladainhas,
Na reza dos condenados, nas pragas dos sitiados,
Na ilha dos ladrões, quem sai?
E leva este recado ao cais:
São penas, são sinais. Adeus.

Livra-me da fome que me consome, deste frio;
Livra-me do mal desse animal que é este cio;
Livra-me do fado e se puderes abençoado
Leva-me a mim a voar pelo ar!

Como se houvesse um encanto, uma estranha magia,
O sol lentamente flutua nas margens do dia.
Despe o meu corpo corsário, seca-me a veia maruja,
Morde-me o peito aos ais, das brigas, dos punhais,
Da ilha dos ladrões, quem sai?
E leva este recado ao cais:
São penas, são sinais. Adeus.

Andamos nus e descalços, amantes, sedentos
Se o véu da noite se deita na curva do tempo.
Ai lua nova de Outubro,
Os medos são medos das chuvas e ventos,
Da alma a segredar, da boca a murmurar
Adeus



[38]

Jacques, P. (Realizador). (2001). *Winged Migration* [Filme]. Galatée Films; Pandora Film Produktion; France 2 Cinéma; France 3 Cinéma; Wanda Vision; Les Productions de la Guéville; CNC (Centre National du Cinéma et de l'Image Animée); European Film Academy.

Migração

A mesma sensibilidade das aves
partilham dela os poetas.

Nasce a primavera celebrando a poesia.

Dos Pássaros

Da Performance

Do outro lado da Performance:

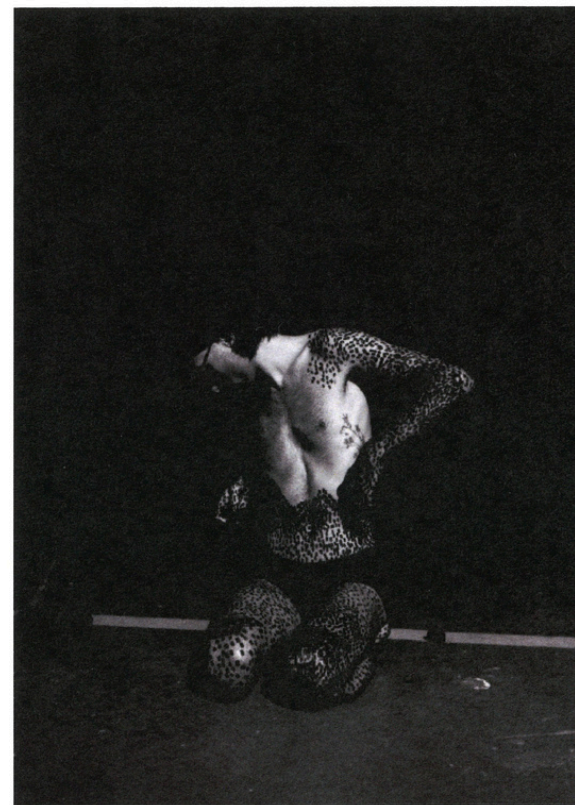
Lembro-me de em pequeno querer aprender dança contemporânea. Ao assistir bailarinos e bailarinas dançarem em programas de televisão, admirava-me sempre pelas suas capacidades de carregarem nos seus movimentos uma enormíssima carga emocional. Como é que uma coreografia (uma sequência de movimentos) poderia expressar tantos sentimentos? Eu nunca cheguei a ter qualquer aula de dança contemporânea, então a resposta à pergunta é-me um pouco misteriosa, mas a curiosidade continua a morder.

No que sinto que estou mais próximo de algum tipo de resposta, é na forma como o meu corpo se quer mover de determinada forma consoante o ambiente e o meu à-vontade. É comum em concertos, festas ou outros locais/momentos onde a música preenche o espaço, esta preencher o meu corpo também, quase como um fantoche que se deixa manipular pela mão. Noto, por exemplo, que o inclinar da cabeça, o subir e descer do peito, o enrolar das mãos e braços e o baloiçar do tronco, são movimentos recorrentes do meu corpo quando é preenchido. Estes gestos são demorados, calmos, subtis, levam o seu tempo, duram o que durarem até a fluência se alterar. Cada vez que performo reparo que tais meneios se fazem mais presentes inconscientemente. É o reflexo dessa minha vontade de deixar o meu corpo se mover. Na Performance consigo a liberdade para experimentar formas de conduzir o meu corpo. Acredito também que, conseqüentemente, estou a permitir que o meu corpo se aproxime por si só dos movimentos que ele próprio quer adotar para o dia-a-dia. Desde pequeno que, pressionado pela sociedade, polio dentre muitas coisas os meus trejeitos e maneirismos, e é ao libertar o meu corpo dessas imposições que consigo aproximar-me da minha espontaneidade natural. Esta não se torna, no entanto, a única razão para unir a minha prática a este meio de expressão.

Como alguém cujo respeito pelo tempo é imensurável, a Performance torna-se a meu ver numa das melhores formas de trabalhar este tema. Ela e o tempo são dissociáveis. Obriga qualquer artista/performer a ter consciência do tempo na produção e execução de uma obra. A Performance só existe porque existe o tempo, porque sem este é somente uma fotografia, única e singular, desprovida de sequência, de movimento, de contexto, de intenção, de sentido. Resta apenas o instante congelado - a imagem - que embora possa ser potente já não é performativa. Esta deixa de agir, de se mover, apenas representa algo sem antes ou depois. É por isso que se torna fulcral o tempo e a sua noção nesta prática artística.

A Performance também acrescenta movimento ao meu corpo de trabalho. Contemplar os meus desenhos dos pontos depois de assistir uma das minhas Performances onde nela os desenhos, adiciona ou fortifica-lhes uma nova camada. Uma camada de um tempo que demora, que se arrasta pela repetição de cada ponto, de cada gesto, aproximando o espectador daquilo que pode ter sido o antes (a página em branco ou a forma como cresce a mancha de pontos) ou o depois (aquilo que pode acontecer se continuar a desenhar sem parar). Deixam de ser somente desenhos que representam apenas o instante congelado, e tornam-se em testemunhos de um ato performativo cujo começo e o fim estão a anos e anos de distância. São evidências de um universo em expansão os meus desenhos, e de uma prática performativa por detrás destes. E as Performances nas quais os meus pontos não fazem parte o tempo ainda é assunto. Em particular as suas consequências sobre tudo e todos. Nestas abordo a mudança, auto-imposta ou não, mas sempre mandatada pelo tempo.

Por estes motivos o meu encontro com a Performance foi uma felicidade. Além de conseguir abordar assuntos do meu interesse, vejo nela uma solução para as minhas vontades. Esta prática é libertadora para o meu corpo e junta-se à minha busca pela autenticidade. Ela desamarra mas não estou solto. Tenho de continuar!



[39]

Nota: Registo fotográfico pela Joana Charepe

João Soares

O Meu Corpo, 2023

Performance reencenada ao vivo em novembro de 2025 na exposição coletiva “*Ainda há sementes para serem colhidas e espaço no saco de estrelas*”



[40]

Marina Abramovic, Ulay
Imponderabilia, 1977
Performance
90 minutos

Abramovic, M. e Ulay (1977). *Imponderabilia* [Performance]. Em M. Abramovic, *Walk Through Walls: a memoir* (pp. 96-98). Three Rivers Press.



[41]

Bas Jan Ader
I'm Too Sad To Tell You, 1971
Mixed media
3'34"

Jan Ader, B. (1971) *I'm Too Sad To Tell You* [Performance]. Mubi.
<https://mubi.com/en/pt/films/im-too-sad-to-tell-you>



[42]

Bea Camacho
Enclose, 2005
Single-channel video
11 horas

Camacho, B. (2005) *Enclose* [Performance]. Instagram.
<https://www.instagram.com/reel/DDNhQzbgrWs/?igsh=OXhidmI0Z29kazQ5>



[43]

Anabelle Lee Dehm, Wally Waliszewski
Icebreaker, 2023
Performance, gelo e calor natural
2 horas

Lee Dehm, A. e Waliszewski, W. (2023) *Icebreaker* [Performance]. Wally.
<https://www.wallywaliszewski.com/icebreaker>

Do outro lado da Performance



[44]

João Soares
Mudem, moldem. Transformem o meu eu de agora., 2024
Mixed media
2'24"

Da Performance

Da Poesia

Do outro lado da Poesia:

No meio dos meus desenhos existem tantos pensamentos, tantos sentimentos, que embora ao desenhar consiga refletir sobre eles, quem os contempla não sabe ler o que me passa pela mente. Ser formatado como sou - extremamente reservado no que toca ao partilhar os demónios e as flores que vivem dentro de mim - e sentir pela primeira vez tão perto e tão longe o amor que tanto desejava, suscitou em mim uma vontade de expressar o que sentia. Isto sem ser demasiado claro sobre a quem se dirigiam tais pensamentos, tais sofrimentos, de forma a esconder uma parte de mim, ao mesmo tempo que protegia a identidade de quem brincou com o meu coração. Sou um amante ingênuo, foi primeiro o que a poesia me revelou.

Sim, foram o amor e o desejo e a dor causada pelo dissabor destes que me motivaram a escrever os meus primeiros poemas. Ainda é comum escrever sobre amores antigos, sobre toques perdidos, sobre beijos nunca esquecidos, mas a partir do momento que desbloqueei o acesso a esta forma de expressão outros assuntos foram preenchendo as minhas estrofes. Eu não escolho escrever um poema sobre determinado assunto. Sou uma ferramenta da poesia como o são também o lápis e o meu corpo. Não sou poeta porque escrevo poesia, sou poeta porque me escreve ela a mim. O poema escreve-se muitas das vezes sem eu próprio saber sobre do que se trata. É enquanto o escrevo que o sinto. É quando o leio pela primeira vez que descubro que dores ou flores fizeram nascer tais versos e que verdades estes carregam. E assim como o desenho também a poesia tem a capacidade de revelar, mas esta com um diferencial: pode ser lida e mais facilmente compreendida.

Com a poesia a palavra ganha ornamentos, ritmos, tempos, e embora enfeitada por estes (ou outros) elementos, ainda faz chegar uma mensagem a quem lê. Finalmente consigo dar a provar um pouco do meu sangue, das minhas lágrimas, dos meus desejos, das minhas mágoas, dos meus lampejos. Finalmente consigo fazer-me sentir. Pensando bem sou apenas humano, também desejo ser compreendido, e consigo sê-lo sem revelar em demasia, sem me sentir excessivamente exposto, mas sempre verdadeiro e honesto comigo e com o que sinto. E além de compreendido, também me sinto validado por quem lê ou escuta os meus poemas. Não sou o único que ama ou que perdeu amores. Não sou o único que vive o luto ou que planta flores. Não sou o único que vê a primavera chegar ou que vive o mês de agosto. Não sou o único que ri ou chora de desgosto. Escrevo apenas da minha experiência com a vida e apenas os vivos identificar-se-ão.

Abraço do vento

Fui.
Parti.
O vento abraçou-me
e, na falta dos teus abraços,
levou-me com ele.
Esperei que me agarrasses,
que me abraçasses com força, com vontade
de que eu ficasse,
mas fui sempre eu que te abracei.
Era só eu que queria ficar,
por isso, quando o vento me abraçou,
deixei-me
levar.

Nota: Esta foi a primeira vez que a poesia me escreveu.

João Soares
Abraço do vento, 2022

O dia maior

escrever é procurar esse lugar
para onde converge
o que ninguém está a ver
e também
todos os sítios onde ninguém olha

cavalo de pau
que não é de Tróia

Do outro lado da Poesia

O poema é o caminho mais curto
que não seja um atalho.

Do outro lado da Poesia

Escrever um poema
escavar uma toca

Arakén Távora: “O que significa ser poeta?”

Mário Quintana: “Para mim ser poeta significa dizer tudo, ser gente. E para a gente ser gente, com perdão na redundância, eu, no meu caso, é ser eu mesmo. É uma afirmação do seu eu. Porque a poesia, para mim, não é uma fuga da realidade como os outros pensam, é um aprofundamento da visão da realidade, o aprofundamento da visão que a gente tem da vida e o aprofundamento em si mesmo. A poesia para mim é um instrumento de reconhecimento do meu mundo, do mundo dos outros e talvez dos outros mundos.”

Não o procures

Não o procures perto do mar,
não o procures nas colinas.
Se o não descobres nos fenos,
se o não pressentes nas fontes,
procura-o nesta canção.
O seu canto vem de outro rio,
a fêmea de outro lugar.
Só quem ama assim as aves
traz o sol todo na mão.
O pão alvo está na mesa,
as azeitonas, o vinho,
ao lado da rosa, também ela
trazida de outra canção.
Não tardará que o melro branco
venha comer contigo
e com a luz fina de abril.

Assim há-de cantar um dia
a terra,
o seu coração pueril.

Do outro lado da Poesia

Cada um lê no poema
o poema que traz em si.

Da Poesia

Da Repetição

Do outro lado da Repetição:

Fazer de novo; outra vez; É este o meu primeiro pensamento quando penso no significado de repetição. Mas o termo é mais complexo do que parece.

A repetição é sim fazer de novo, mas se levarmos mais a fundo esta questão será que conseguimos realmente repetir algo? O movimento que queremos repetir nunca é exatamente igual ao anterior. A imagem que procuramos multiplicar acaba por ser um conjunto de vários singulares. O espaço e/ou o suporte onde a pluralização acontece mudam de cópia para cópia. A matéria é própria de cada uma das versões repetidas. Para não falar do tempo caso o processo seja sequencial. Por isso à repetição lhe pertence um carácter ambíguo. São estas características que nos fazem questionar a possibilidade e a impossibilidade de repetir algo, tornando-se assim um termo paradoxal na sua definição.

Cada imagem, cada gesto, cada forma é singular, tem o seu próprio espaço e foi feito no seu próprio tempo. Esta é uma característica da repetição e consequentemente do meu trabalho, essencialmente nos meus desenhos, pois eu uso desta como ferramenta de criação. Além de a usar também para evitar os tempos mortos a olhar para o suporte a pensar o que nele fazer.

Nos meus desenhos, a repetição está presente no gesto, no movimento que faço para acrescentar um ponto ao suporte. Faço o gesto. Desenho o ponto. Repito o gesto anterior. Repito o ponto anterior. Continuo a repetir. Continuo a repetir. Continuo a repetir. Continuo a repetir. Continuo a repetir. A repetir continuo e continuamente continuo a repetir, até terminar o desenho ou precisar de uma pausa. Horas passam neste processo que instiga um estado meditativo, reflexivo, que me permite deambular pelo meu mundo interno e explorá-lo, explorar-me. A repetição torna-se então no motor dos meus desenhos, na roda de água alimentada pelas correntes do rio, na chave para adentrar nas memórias mais bem guardadas no baú de pensamentos que à tanto carrego e que me pesa nos ombros.

Assim como cada gesto é único, como cada ponto é único, também cada versão do João que executa tais ações é única. Cada ponto carrega uma assinatura que não se pode repetir ou reproduzir. Aquele momento do tempo daquele ponto em específico está cada vez mais distante do presente, e aquela versão do João está cada vez mais diferente. Por mais que a roda de água continue a girar com a força

do rio, nunca a mesma água a empurra duas vezes.

O ato de repetir presente na feitura dos meus desenhos convoca uma noção de universo. Através do “de novo” surge o novo, onde cada obra é um recorte com autonomia suficiente para existir sozinha, com as suas próprias leis, mas que nunca deixa de estar conectada ao universo onde está embutida. Isto acontece porque a ação de recriar o gesto repetidamente é a regra que pertence, sem exceção, a todos os meus desenhos. Outras regras podem cruzar-se mas nunca se sobrepondo a esta que ativa a expansão. Ainda assim existe espaço para o imprevisível, para o acaso, para o erro, incrementando assim as obras e o seu universo.

Não posso deixar de falar sobre o mito de Sísifo, o herói absurdo como lhe chamou Albert Camus no seu livro O Mito de Sísifo. O personagem da mitologia grega foi condenado eternamente - por trair e enganar os deuses e tentar escapar da morte e do submundo - a empurrar sem descanso um rochedo até ao cimo de uma montanha, apenas para vê-la rolar de volta para o sopé sempre que se aproximava do topo, vendo-se obrigado a recomeçar esse ciclo infinitamente. Essa tarefa simboliza a ideia de um esforço inútil e interminável. Uma obrigação sem objetivo, ou melhor, com um objetivo inalcançável.

Também eu no meu trabalho tenho um objetivo que sei ser inatingível. Procuro alcançar o meu eu do presente, do agora, através da minha prática artística, do desenhar, do escrever, do performar, tentando acompanhar todas as mudanças e transformações causadas pelo tempo, sabendo que nunca realmente me conhecerei na totalidade. Estou sempre alguns passos atrás do João do agora nesta busca que há de terminar apenas quando a morte me alcançar. No mesmo momento que a minha versão do presente morrer, morre também a minha versão que me procura aprender melhor, sobrando assim um espaço do desconhecido, uma distância de conhecimento por adquirir, por desbravar. A repetição é um dos principais motores desta busca. O desenho é o meu rochedo, a montanha é o passar do tempo e o cimo é o objetivo impossível de cumprir. Só a morte me pode salvar deste destino, mas é o medo de me perder de vista, de deixar de saber quem sou, que motiva esta procura. Deixar de me procurar é deixar de me conhecer. Deixar de me conhecer é morrer. Portanto estou preso entre o medo de morrer e a morte que me pode salvar. Empurrar este rochedo é continuar a fugir da morte. Parar de o empurrar é deixar a morte me alcançar.

Sinto-me na pele de Sísifo.

Estou longe de ser um herói grego mas ressoo tão intensamente com esta figura que Camus chama de absurda. No seu livro, o autor explica o conceito de absurdo assim como o porquê de Sísifo ser o herói absurdo. No final do seu ensaio ele diz: *“A luta para chegar ao topo basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz”* (Camus, 2016, p.114). Para muitos, tarefas como estas podem ser angustiantes ou representar uma falta de propósito na vida, mas Camus sugere que a verdadeira liberdade e felicidade reside na sua consciência e na aceitação da sua condição. Ao reconhecer a futilidade da tarefa, Sísifo transcende o seu castigo e encontra significado na própria luta. Aceitar o absurdo da vida e continuar a viver plenamente é uma maneira de revolta contra a falta de sentido, um modo de afirmar a própria existência e encontrar uma espécie de felicidade nas próprias ações, mesmo que pareçam fúteis aos olhos dos deuses ou do universo - o que contrasta com a natureza humana, que normalmente procura propósito, resultado e reconhecimento no que e pelo que faz. A felicidade não vem do sucesso ou do resultado final, mas da própria experiência de viver e lutar, da resistência e da consciência da sua situação. Para mim, carregar um fardo continuamente cujo objetivo nunca será alcançado não pesa tanto como carregá-lo com a esperança de um dia, num futuro longínquo, me ver livre dele. Aceitar o destino é mais fácil do que negá-lo.

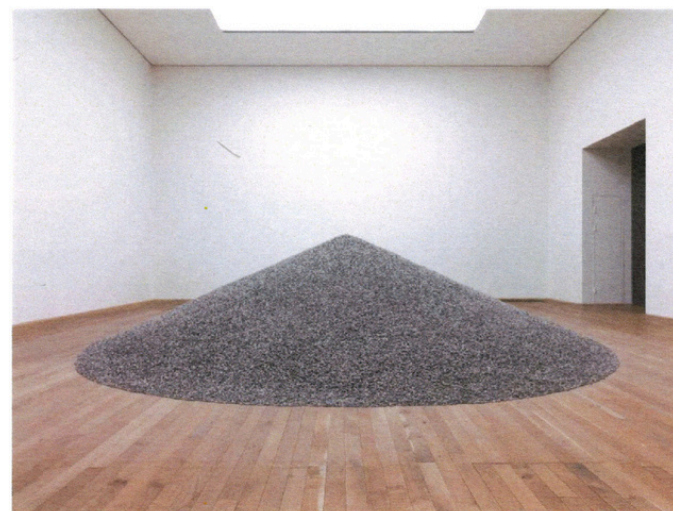


[45]

Tehching Hsieh
One Year Performance (Time Clock Piece), 1980-1981
Performance
1 ano

Hsieh, T. (1980-1981). *One Year Performance (Time Clock Piece)* [Performance]. Tehching Hsieh.
<https://www.tehchinghsieh.net/oneyearperformance1980-1981>

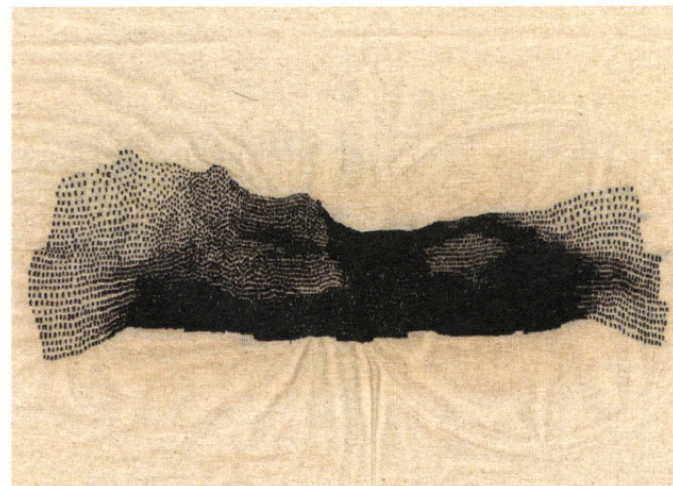
Do outro lado da Repetição



[46]

Ai Weiwei
Sunflower Seeds, 2010
Porcelana pintada à mão
Medidas variáveis consoante exposição

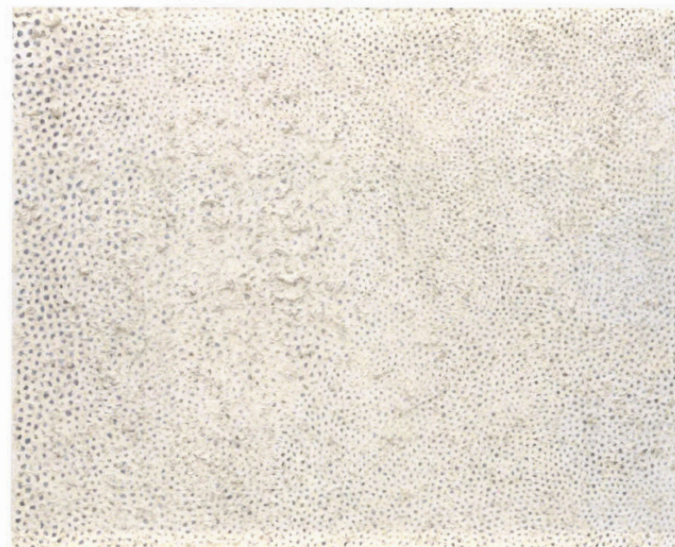
Weiwei, A. (2010). *Sunflower Seeds* [Instalação]. Tate.
<https://www.tate.org.uk/art/artworks/ai-sunflower-seeds-t13408>



[47]

Nota: Este bordado iniciado no final de 2024 encontrasse ainda em processo. Até então não tem título definido.

João Soares
(sem título definido), 2024-presente
Linha sobre pano cru
(medidas por definir)



[48]

Yayoi Kusama
No. F, 1959
Óleo sobre tela
105.4x132.1cm

Kusama, Y. (1959). *No. F* [Pintura]. MoMA.
<https://www.moma.org/collection/works/80176>

Do outro lado da Repetição



[49]

Eva Hesse

Repetition Nineteen III, 1968

Fibra de vidro e resina de poliéster, 19 unidades

Cada 19 de 48-51x27,8-32,2cm de diâmetro

Hesse, E. (1968). *Repetition Nineteen III* [Escultura]. MoMA.
<https://www.moma.org/collection/works/81930>

Da Repetição

Do Tempo

Do outro lado do Tempo:

É complexo falar do Tempo quando toda a gente ao meu redor se organiza com base nele (incluindo eu). Todos parecem ter uma ideia de Tempo muito concisa e estruturada e ninguém parece pensar muito sobre isso. Neste texto não pretendo negar a sua existência ou questioná-la. Quero apenas conversar sobre ele.

O Tempo para mim é precioso. Respeito-o muito. Vejo nele quase que uma entidade, uma força, um deus ou algo do género. Afinal, como posso não imaginá-lo desta forma quando acredito que é o Tempo a engrenagem principal da vida. É graças a ele que tudo e todos mudam constantemente. O Tempo carrega tanto a culpa das flores desabrocharem como a delas secarem. Se eu cresço, aprendo, vivo e me apaixono é porque o Tempo se alinhou pra mim de tal forma. Quase que o comparo à ideia de destino. Mas o Tempo tem a capacidade de alterar tudo o que é e não é material. O mundo físico é mais óbvio com as suas alterações. Podemos vê-las com a queda das folhas nos outonos, na alteração das paisagens litorâneas causadas pelas ondas do mar, no amadurecer dos frutos, nos cabelos mais longos e grisalhos, nas peles marcadas de expressão, nos simples nascer e pôr do sol, basta atentar um pouco o olhar. Agora para lá do palpável, atenção pode não ser suficiente. É preciso acompanhamento e reflexão também. Hábitos vão começando a perder-se ou alterar-se, interesses vão mudando, vontades vão sendo substituídas por outras, as vozes vão ficando mais frágeis, as mãos mais trêmulas, a nossa personalidade vai-se adaptando com a nossa vida e contexto. E tudo isto graças ao Tempo, à ação que ele impõe sobre nós e às vivências que ele proporciona.

A vida é o Tempo que temos para gozar do mundo, e não é o Tempo que depende da vida. O Tempo é ubíquo, está simultaneamente em todo o lado como uma única entidade. Trespasa corpos e montanhas, ocupa e desarruma tudo dentro e fora. É fantasmagórico e assombroso além de imparcial e injusto. Acima de tudo o Tempo é impermeável a qualquer força ou vontade e nada a ele o é. O mundo e aqueles que nele vivem não têm outro remédio senão o de se deixarem banhar pelas águas deste rio.

Somos como peixes que nascem nos rios. Nunca nadam nas mesmas águas porque estas nunca param de correr, e ainda assim nelas vivem, nelas se alimentam, nelas se reproduzem e nelas morrem. Nascemos nas correntezas do Tempo e estas águas nunca iram secar. Estaremos sempre condenados a nelas nadar porque assim

como para os peixes, fora d' água fada-nos apenas morrer. E morrer nada mais é que o momento onde se esgota o nosso Tempo, neste mundo, nas águas deste rio.

Mas por mais interessante que esta ideia seja, há ainda um detalhe importante a ressaltar. Esta entidade do Tempo de que falo comanda-nos a todos. Estamos sim imersos nas suas águas e todos sentimos a força das suas correntes, mas cada um tem o seu ritmo, o seu andamento. Cada um nada à sua própria velocidade, cada um tem a sua própria força, a sua própria urgência. Por isso procuro respeitar o Tempo, não só o que me lava e renova, mas também aquele que me é inerente, que me leva para onde tenho de estar quando tenho de estar. Procuro viver à deriva e com a consciência de que nada é definitivo. De que se precisar tenho a força de mudar de curso, de rota, de antepor a corrente que me leva ou de ir atrás dela. Mas sei que não posso parar estas águas ou que nelas posso parar. O mais próximo disso é procurar a margem e tomar a minha última escolha, rejeitando assim o meu tempo.

Cronofagia (o Peixe)

O peixe tem a fome do peixe
Mar aberto água gelada
Nada, nada, nada
E além do nada o próprio mar

A gente tem a fome da gente
Carne aberta, faca afiada
Cala, cala, cala
Sobre a própria história sem lembrar

Que o tempo tem a fome do tempo
O tempo tem a fome do tempo

O rio tem o tempo dos rios
Veia velha, mata alagada
Corre, corre,
Desce imenso e morre por chegar
Onde o vento venta a todo momento
O vento venta a todo momento
No vento corre o sangue do tempo
E o tempo faz da gente um momento
Faz da vida um pequeno vento

Faz tudo passar
O tempo tem a fome do tempo
O tempo tem a fome do tempo

O rio tem o tempo dos rios
Veia velha, mata alagada
Corre, corre,
Desce imenso e morre por chegar
Onde o vento venta a todo momento

O tempo tem a fome do tempo
A gente tem a fome da gente
E vento que me venta por dentro
Leva o sopro, o momento
Faz mundo rodar



João Soares	Gêres, 2025	Edição singular
Alfaiate*	2025	

* Gêres (cortez, mais conhecida como alfaiate) é um inseto da família Ctenidae, comum sobre a superfície dos corpos de água doce da Europa.

Visitei pela primeira vez o Gêres. Que belas terras, que belas águas. Sem saber precisava daquela pausa, de sentir a água doce e fria a passar por mim (foram dias quentes). O rio estava vivo, e nele vivo me sentia. Estávamos em muito boa companhia.

[50]

João Soares
Alfaiate (cartão postal), 2025
 Impressão a laser s/ papel
 14x11,5cm

Do outro lado do Tempo

“On those stepping into rivers staying the same other and other waters flow.”
(Heraclitus, s.d.)

Quando vier a Primavera

Quando vier a primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

Do outro lado do Tempo

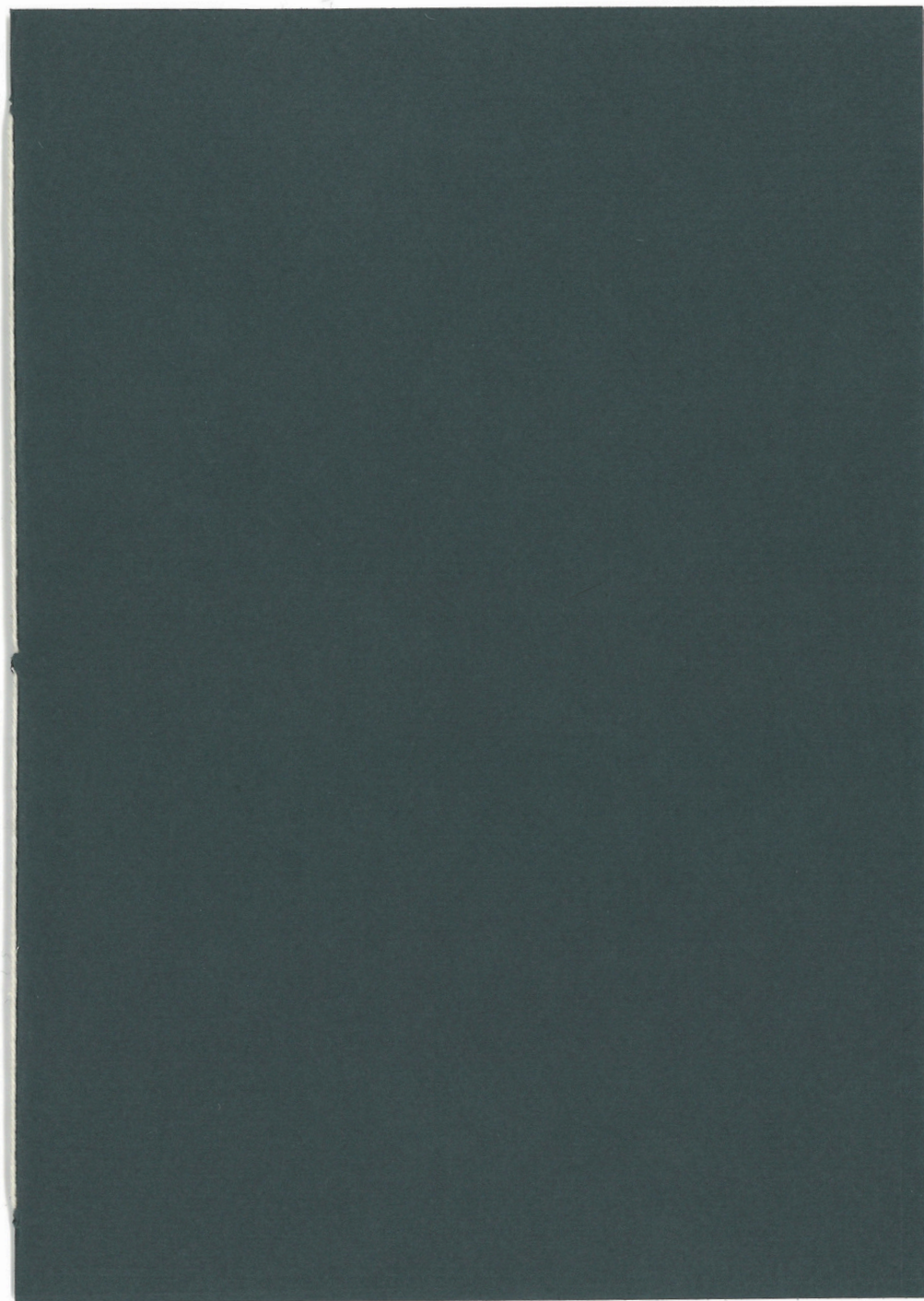
Aprender com o meu limoeiro a conciliar
no mesmo tempo
e no mesmo ramo
flores brotando
e limões maduros.

Do outro lado do Tempo

Tempo certo

Foste a pessoa certa
no tempo certo
até o tempo mudar
até o tempo deixar
de ser o tempo certo
até o tempo com tudo acabar.

Do Tempo



Do Outro Lado

Epílogo:

Agora aproximando-me do final deste documento, medito sobre o que é a conclusão, o fim de algo. Eu só consigo pensar numa designação: o fim é regular, sucessivo, incessante. Encerra todos os instantes do presente, do agora. Mas o rio do tempo não seca. As suas correntes continuam animadas, inquietas, impetuosas. Existe o fim então, ou será este outro termo paradoxo na sua definição?

Acho que o fim existe sim, mas apenas no reino dos sentidos, da matéria. Serve para nos indicar os limites, os extremos de algo que os dedos possam tocar, que os olhos possam ver, do qual possamos ouvir, saborear ou sentir o aroma. E o tempo, embora nos tenha mergulhado no seu rio, nos enrugue a pele com a sua água, nos entregue, assim como nos tira, experiências, memórias, entes queridos e tesouros indefinidos, transcende esses domínios. Podemos tentar cronometrar todas as horas, minutos e segundos, e até agendar o nosso dia com base nesses resultados, mas quando o rio a todos nos levar, a nossa ausência ser-lhe-á indiferente.

Sinto os limites desta mesa com as pontas dos meus dedos
e a morte já vi entes queridos levar, mas a poesia,
a poesia deixa-se ficar.

A poesia escuto-a, leio-a, sinto-a, mas como o tempo não a vejo acabar. O ponto final termina a frase, e pode até terminar um poema, mas as palavras nunca terminam ou se fixam. Vimos ao longo dos tempos como individualmente mudaram, se transformaram com quem as cantava, as escrevia, lhes conversava. São íntimas. São como seres vivos, filhos que nascem pela boca e pelas mãos e que acolhemos pelo olhar, pela escuta, pelo coração. As palavras são abertura, e foi isto que aprendi com esta dissertação.

Escrevê-la tem sido uma surpresa. Muitos dos assuntos que abordei foram escolhidos inicialmente porque fazia sentido estarem presentes, afinal, eram temas cuja presença já tinha reparado no meu corpo de trabalho. Porém alguns deles não havia aprofundado ainda, não com tanto enfoque. Ao refletir, deparei-me por

vezes com barreiras que tive de enfrentar, admirando-me com a relevância com que marcavam o meu trabalho. Aconteceu também ter de ajustar nomenclaturas para expressar aquilo que acreditava de forma mais correta, mais justa, fortalecendo assim o vocabulário envolvente das minhas obras. Além disso certas análises fizeram surgir ideias e vontades de criar novos projetos. A escrita tornou-se ainda mais importante para o meu processo criativo. Alimentada pelas reflexões convocadas pelos meus desenhos e pela vida no geral, surge como mecanismo que induz a criação, que instiga o pensamento e a sua consolidação, e por conseguinte, o resto do meu trabalho.

Enquanto desenvolvia a dissertação, pude expor em diversos locais e contextos: expus pela primeira vez fora de Portugal; tive a chance de apresentar o meu trabalho ao lado de amigos e de conhecer outros artistas que amigos se tornaram; fui convidado por duas vezes a expor naquelas que foram as minhas primeiras exposições a solo e realizei pela primeira vez uma performance de longa duração ao vivo. Tive um percurso abençoado de oportunidades às quais viverei eternamente grato, principalmente porque a maioria foram convites que chegaram até mim de repente. Abracei com força e vontade cada chance que me deram, e aprendi bastante com cada uma. Foi pelo meio destas exposições que decidi assumir a poesia como uma das minhas principais áreas de trabalho e colocá-la no mesmo patamar que o desenho ou a performance. Fui desafiado a pensar diferentes formas de apresentar as minhas obras e performances em diferentes contextos e espaços. Ganhei conhecimento sobre os meus limites físicos e psíquicos enquanto performer e lapidei algumas arestas que só com a experiência poderiam ser trabalhadas. Cresci e aprendi tanto com tantos, mudei e o meu trabalho mudou comigo.

A conclusão desta dissertação conclui apenas o pensamento do agora, mas o tempo não pára. A experiência da transformação é contínua, consciente até à morte e inconsciente a partir do momento em que o nosso tempo se esgota. O rio continuará a fluir, e nós iremos “Nascer/ Viver/ Morrer/ Nascer”.

Eu

Vivo.
Tenho forma mas não se fixa.
Estou em constante transformação
física e psíquica.
O tempo passa e não me é indiferente,
arrasa-me, molda-me,
juntamente com as experiências que me proporciona.
Mudo constantemente,
mas ser Eu é a única constante que permanece,
ainda assim esse conhecimento desvanece.
Estou nesta corrida sem meta definida
atrás de me conhecer,
de me perceber e
compreender
o porquê do meu ser.
Mudo incontrolavelmente.
E se deixar de correr
tenho medo de me perder,
do meu ser esquecer.
Não posso parar...
Jamais posso parar...
Só paro quando à meta chegar!
Só paro quando o meu tempo acabar.

Bibliografia:

- Abramovic, M. (2010). *Walk through walls: a memoir*. Three Rivers Press.
- Alameida Nogueira, M. [@comunidadeculturacarte] (2024, 6 junho). *Já pertenci a tanta coisa* [Fotografia]. Instagram. https://www.instagram.com/p/DBcJ7Gvs_TH/?igsh=MWJsN3lmYjdmG1mdQ==
- Andrade, E. de (2018). *O Sal da Língua*. Assírio & Alvim.
- Angelou, M. (1987). *Mavis on Four*. YouTube. https://youtu.be/uZQJo0v_tll?si=fe6woc6CYG74XFg1&t=415
- Bala Desejo (2022). Cronofagia (o Peixe). Em *SIM SIM SIM*. Coala Records.
- Barahona, A. [@opoemaensinaacair] (2024, 31 outubro). *E foi assim que tudo começou*: [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DBzYkX8PB7J/?igsh=MTE3YWRjZXVzY3B1eQ==>
- Barros, M. de [@opoemaensinaacair] (2025, 9 março). *Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário*. [Fotografia]. Instagram. https://www.instagram.com/p/DG_RwhgP3tB/?igsh=aXNkd2x1bW8yMml0
- Bernardes T. (2019). *Só Nós Dois*. Independente.
- Bernardes T. (2022). Nacer, Viver, Morrer. Em *Mil Coisas Invisíveis*. Psychic Hotline.
- Blackwood, C. (1982). *All by Myself: The Eartha Kitt Story*. Michael Blackwood Productions.
- Camus, A. (2016). *O Mito de Sisifo*. Livros do Brasil; Porto Editora.
- Cartola. (1976). Preciso Me Encontrar. Em *Cartola II*. Discos Marcos Pereira.
- Costa, G. (1983). Eternamente. Em *Baby Gal*. Universal Music Ltda..
- Díaz, L. (2026). *Hombres con un diente de leche*. Letraversal.
- Esiri, A. [Poetry Corner with Allie Esiri]. (2020, 30 agosto). *Helena Bonham*

Carter, Tobias Menzies and Jamael Westman join Allie Esiri to read great poetry [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/68ScpohzSuU?si=7uzNSo2qTtNyDE5r>

Fausto (1982). A Ilha. Em *Por Este Rio Acima*. Triângulo.

Gamoneda, A. [@poesiainmanualdeprestidigitacao] (2024,29 outubro). *Amei todas as perdas* [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DBuVeyrCxtQ/?igsh=MTh1NzdxdnFuZnB3Yw==>

Gilles, G. (1965). *Love at Sea*. Filmax; Films Galilée.

Guimarães, R. (2020). *Antes de mais e depois de tudo*. Editora Exclamação.

Homem de Mello, P. (s.d.). *Adeus* (1951). Citador. <https://www.citador.pt/poemas/cisne-pedro-homem-de-mello>

Homem de Mello, P. [@opoemaensinaacair] (2024, 16 novembro). *Inquerito* [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DCZJZoVNPnk/?igsh=MTZzMWdwb2wwbWVleA==>

Huan, Z. (s.d.). *Minneapolis Institute of Art*. <https://collections.artsmia.org/art/109066/1-2-zhang-huan>

Kundera, M. (1995). *A Lentidão*. Edições ASA.

Lopes, A. (2022). *Manhã*. Porto Editora.

Lopes, A. [@opoemaensinaacair] (2024,30 dezembro). *A minha história* [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DEOH5J-oQtc/?igsh=Z3I2aGJvYTF3bXFr>

Loynaz, D. M. [@opoemaensinaacair] (2026, 17 março). *Há em ti a fadiga de uma asa muito tempo tensa* [Fotografia]. Instagram. https://www.instagram.com/p/DV_crRPjEau/?igsh=bWFwbG1qYXI0MGc1

Maalouf, A. (2003). *In the Name of Identity: Violence and the Need To Belong*. Penguin Books.

Macalé, J. (1983). *Movimento Dos Barcos*. Em *Jards Macalé*. Universal Music

Ltda..

Meireles, C. [@filosofia_arte_literatura] (2025,27 março). *Tu tens um medo*: [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DHt1M1mPAsV/?igsh=azJpeXJqYXRlcGxn>

O'Connor S. (1994). John I Love You. Em *Universal Mother*. Chrysalis Records.

Pessoa, F. (1915/2020). *Poemas de Alberto Caeiro*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Phoebe Lou A. (2021). How to Get out Of Love. Em *Glow*. Independente.

Quintana, M. (início da década de 1990). *Encontro Marcado*. YouTube. https://youtu.be/tujJHrfxuwyc?is=TTIL21pUZt25_-bE

ROSALÍA (2025). Memória (com participação de Carminho). Em *Lux*. Columbia Records.

Secos & Molhados. (1973). Fala. Em *Secos & Molhados*. Continental.

Severo, L. (2019). Joãozinho. Em *O Sol Voltou*. Cuca Monga.

Tecedeiro, A. (2020). *A axila de Egon Schiele*. Porto Editora.

Variações, A. (1984). Perdi a memória. Em *Dar e Receber (restaurado)*. EMI Records.

Watkins Graham D. (2023, 8 dezembro). *Heraclitus*. Stanford Encyclopedia of Philosophy. <https://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/#LifWor>

Índice de Figuras:

- [1] Soares J. (2024). *Casal de idosos apaixonados* [Fotografia].
- [2] Lourenço, M. (2026). *Como escrever um romance* [Fotografia].
- [3] Stolevski, G. (Realizador). (2022). *Of an Age* [Poster]. Causeway Films.
- [4] Jarman, D. (Realizador). (1993). *Blue* [Poster]. Basilisk Communications; Uplink; Arts Council of Great Britain; Opal; BBC Radio 3.
- [5] Emin, T. (1998). *My Bed* [Fotografia].
- [6] Goldin, N. (1973-1986). *The Ballad of Sexual Dependency* [Publicação].
- [7] Huan, Z. (2000). *Family Tree* [Fotografias].
- [8] Sherman, C. (1978). *Untitled Film Still #11* [Fotografias].
- [9] Jan Ader, B. [@noisematters] (2025, 18 dezembro). *Fall I* [Fotograma]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DSa3LbWDxIR/>
- [10] Emin, T. (1995). *Everyone I Have Ever Slept With 1963-1995* (vista do exterior) [Fotografia].
- [11] Emin, T. (1995). *Everyone I Have Ever Slept With 1963-1995* (vista do interior) [Fotografia].
- [12] Salles, W. (Realizador). (1998). *Central do Brasil* [Poster]. VideoFilmes; Mact Productions; RioFilme.
- [13] Kogonada (Realizador). (2017). *Columbus* [Poster]. Nonetheless Productions; Super12; Depth of Field.
- [14] Abramovic, M. (2010). *Walk Through Walls: a memoir* [Publicação]. Three Rivers Press.
- [15] Mendieta, A. (1978). *Untitled (da serie Siluetas)* [Fotografia].
- [16] Soares J. (2025-presente). (sem título definido) [Fotografia].
- [17] González-Torres, F. (1991). *Untitled (Ross)* [Fotografia].

1-3	Amor
4-9	Auto-representação
10-14	Conhecer
15-17	Corpo

18-21	Desenho
22-23	Desgosto
24	Esquecimento
25-28	Maternidade
29-33	Meditação
34	Mudança
35-37	Pássaros

- [18] Arquivo de família (s.d.). *A minha Mãe de vestido vermelho* [Fotografia].
- [19] Soares J. (2026). *Um sonho de ser pássaro* [Digitalização].
- [20] Soares J. (2023). *Sem título* [Fotografia].
- [21] Soares J. (2024). *Tenho pensado em ti, bastante* [Fotografia].
- [22] Soares J. (2022). *Carta em chamas* [Fotografia].
- [23] Soares J. (2024). *Noites de outono (cartão postal)* [Composição Gráfica].
- [24] Hartiga, C. (Realizador). (2020). *Little Fish* [Filme]. Automatik Entertainment; Black Bear Pictures; Oddfellows Entertainment; Tango Entertainment.
- [25] Soares J. (2025). *Mãos da Vó Maria Teresa* [Fotografia].
- [26] Soares J. (2026). *Arroz doce da Mãe (aprendeu com a sua)* [Fotografia].
- [27] Huang, S. (Realizador). (2022). *Will You Look at Me* [Poster]. Exposed Pictures.
- [28] Cassatt, M. (1880). *Mother and Child (The Goodnight Hug)* [Fotografia].
- [29] Sakamoto, R. (2017). *async* [Composição Gráfica]. Milan.
- [30] Laib, W. (2013). *Pollen from Hazelnut* [Fotografia].
- [31] Verdier, F. (2011). *Polyphonie* [Fotografia].
- [32] Mekas, J. (Realizador). (1998). *Song of Avignon* [Poster]. Independente.
- [33] Kawara, O. (2013). *APR – 1 1969* [Digitalização].
- [34] Varda, A. (Realizador). (2008). *The Beaches of Agnès* [Poster]. Ciné-Tamaris; ARTE France Cinéma.
- [35] Soares J. (2023). *Pato no meio de nenúfares* [Fotografia].
- [36] Soares J. (2024-presente). *Pena da coleção Anjos da Guarda* [Digitalização].
- [37] Soares J. (2023). *Pato a repousar numa rocha* [Fotografia].

38	Pássaros
39-44	Performance
45-49	Repetição
50	Tempo

[38] Jacques, P. (Realizador). (2001). *Winged Migration* [Poster]. Galatée Films; Pandora Film Produktion; France 2 Cinéma; France 3 Cinéma; Wanda Vision; Les Productions de la Guéville; CNC (Centre National du Cinéma et de l'Image Animée); European Film Academy.

[39] Charepe J. (2025). *Registo da performance "O Meu Corpo"* [Fotografia].

[40] Abramovic, M. (2010). *Walk Through Walls: a memoir* [Publicação]. Three Rivers Press.

[41] Jan Ader, B. (1971) *I'm Too Sad To Tell You* [Fotograma].

[42] Camacho, B. (2005) *Enclose* [Fotograma]. Instagram. <https://www.instagram.com/reel/DDNhQzbgrWs/?igsh=OXhidmI0Z29kazQ5>

[43] Lee Dehm, A. e Waliszewski, W. (2023) *Icebreaker* [Fotograma].

[44] Soares J. (2024). *Transformem o meu eu de agora*. [Fotograma].

[45] Hsieh, T. (1980-1981). *One Year Performance (Time Clock Piece)* [Fotografia].

[46] Weiwei, A. (2010). *Sunflower Seeds* [Fotografia].

[47] Soares J. (2024-presente). (sem título definido) [Digitalização].

[48] Kusama, Y. (1959). *No. F* [Fotografia].

[49] Hesse, E. (1968). *Repetition Nineteen III* [Fotografia].

[50] Soares J. (2025). *Alfaiate (cartão postal)* [Composição Gráfica].

Do Outro Lado

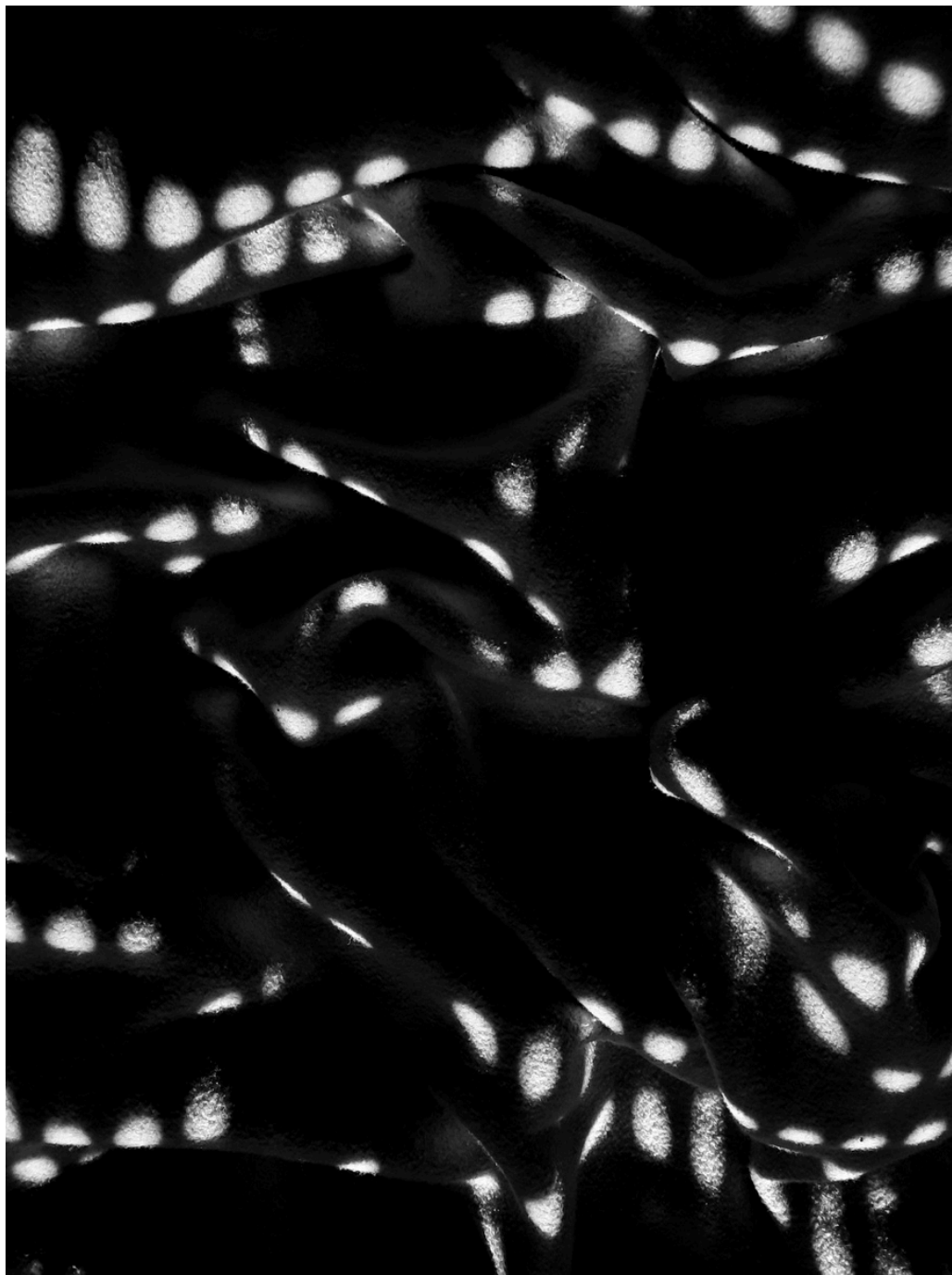
João Soares

Do Outro Lado

João Soares

Portfolio

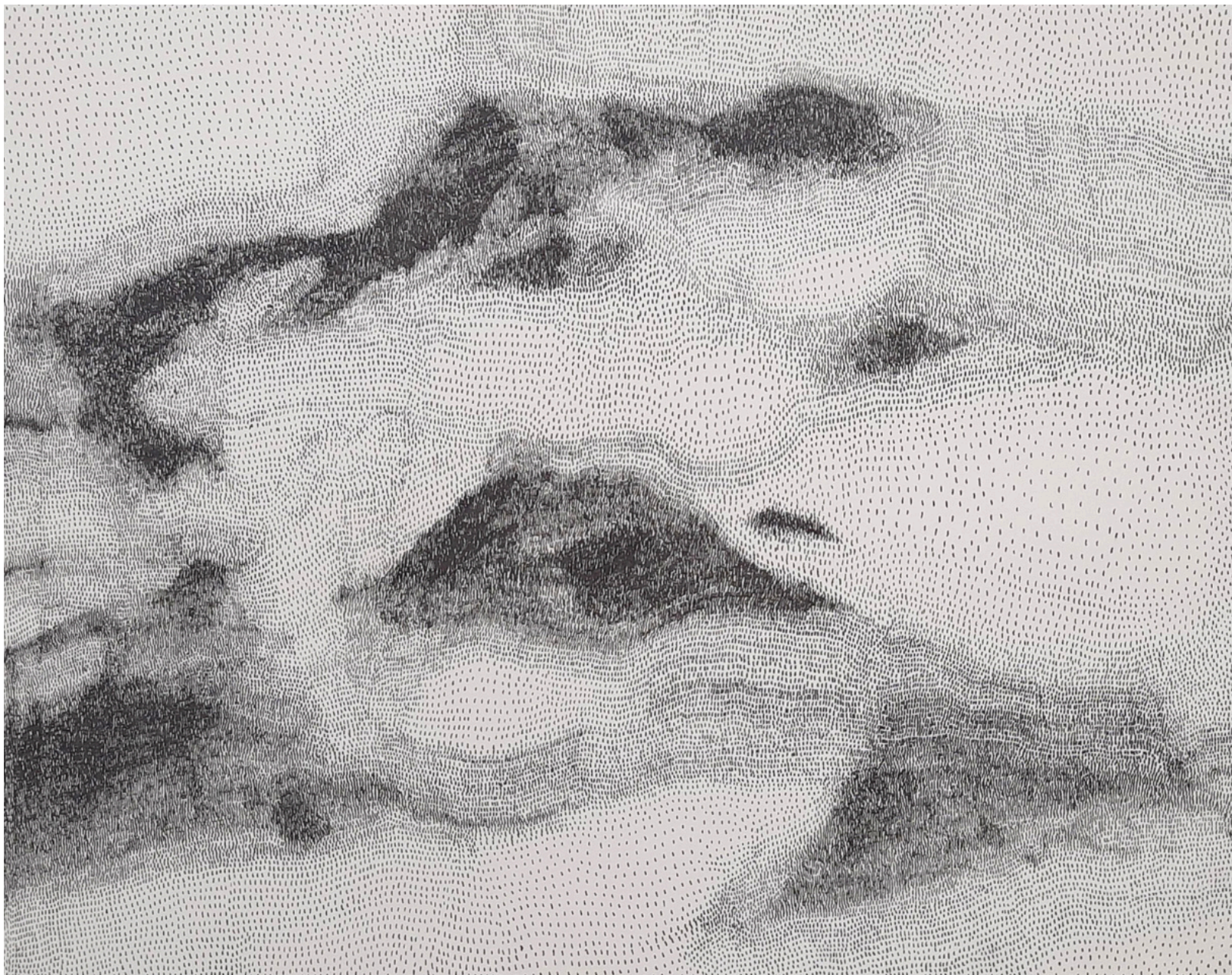
João Soares nasceu em 2001 no distrito de Leiria. É licenciado em Artes Plásticas pela ESAD.CR desde 2022 e está atualmente a terminar o mestrado em Artes Plásticas na mesma instituição. No seu trabalho aborda questões como a sua identidade, as relações com outros e com o mundo, a efemeridade do presente causada pela passagem do tempo e sobre o constante estado de transformação que este causa. Explora estes assuntos principalmente através do desenho, da performance e da poesia, no entanto mantém-se curioso, o que o leva a experimentar outros meios. Usa da repetição como ferramenta para entrar num estado meditativo onde pode refletir sobre quem é, como chegou onde está, porque faz o que faz, entre muitas outras perguntas com o objetivo de se aproximar do seu Eu do presente.



Parte do conjunto de fotografias *Desenhos do Sol*, 2022. Impressão a laser sobre papel, 40x30cm



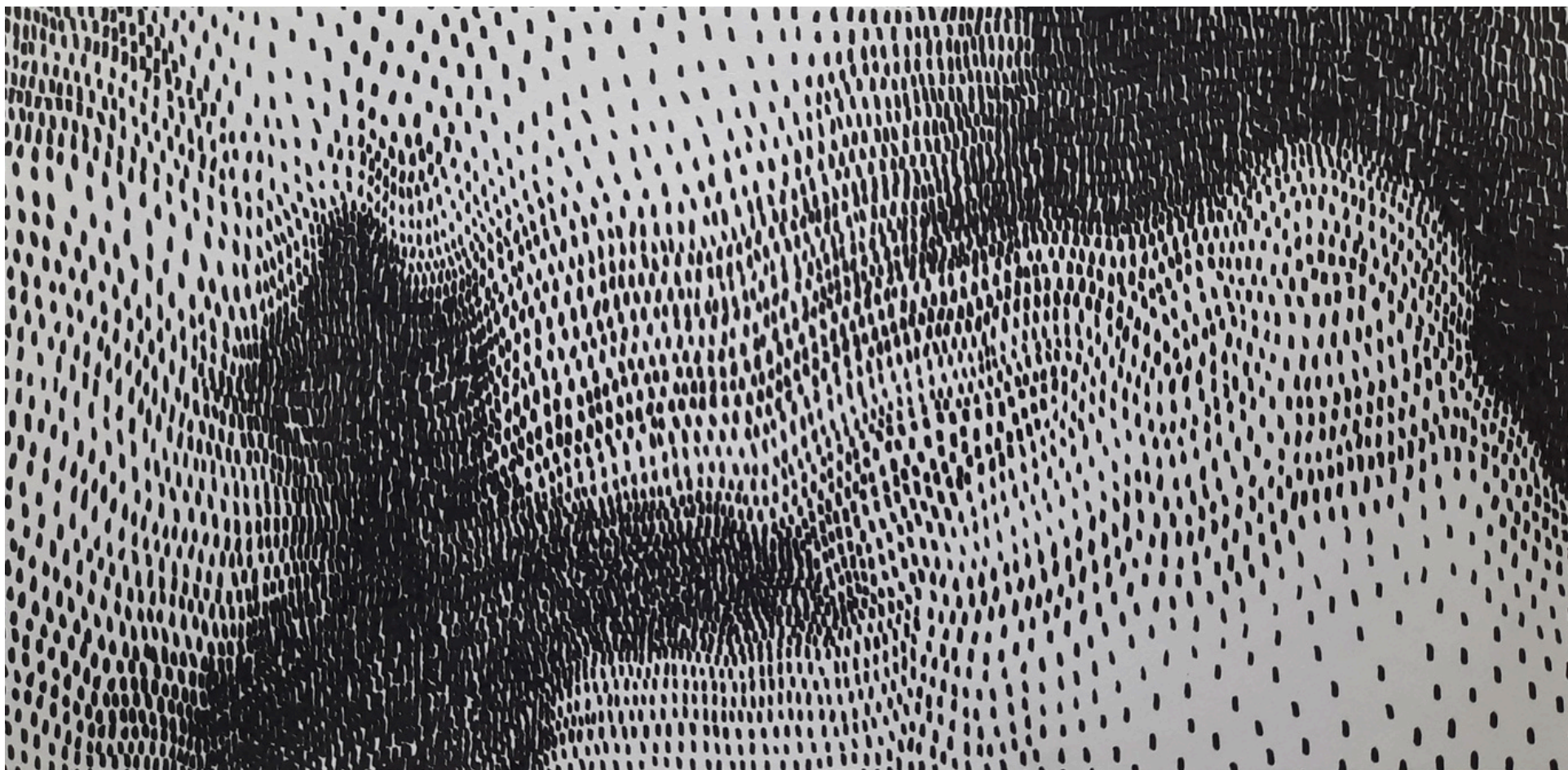
Sem título, 2022. Marcador Posca sobre papel, 12,4x17,9cm



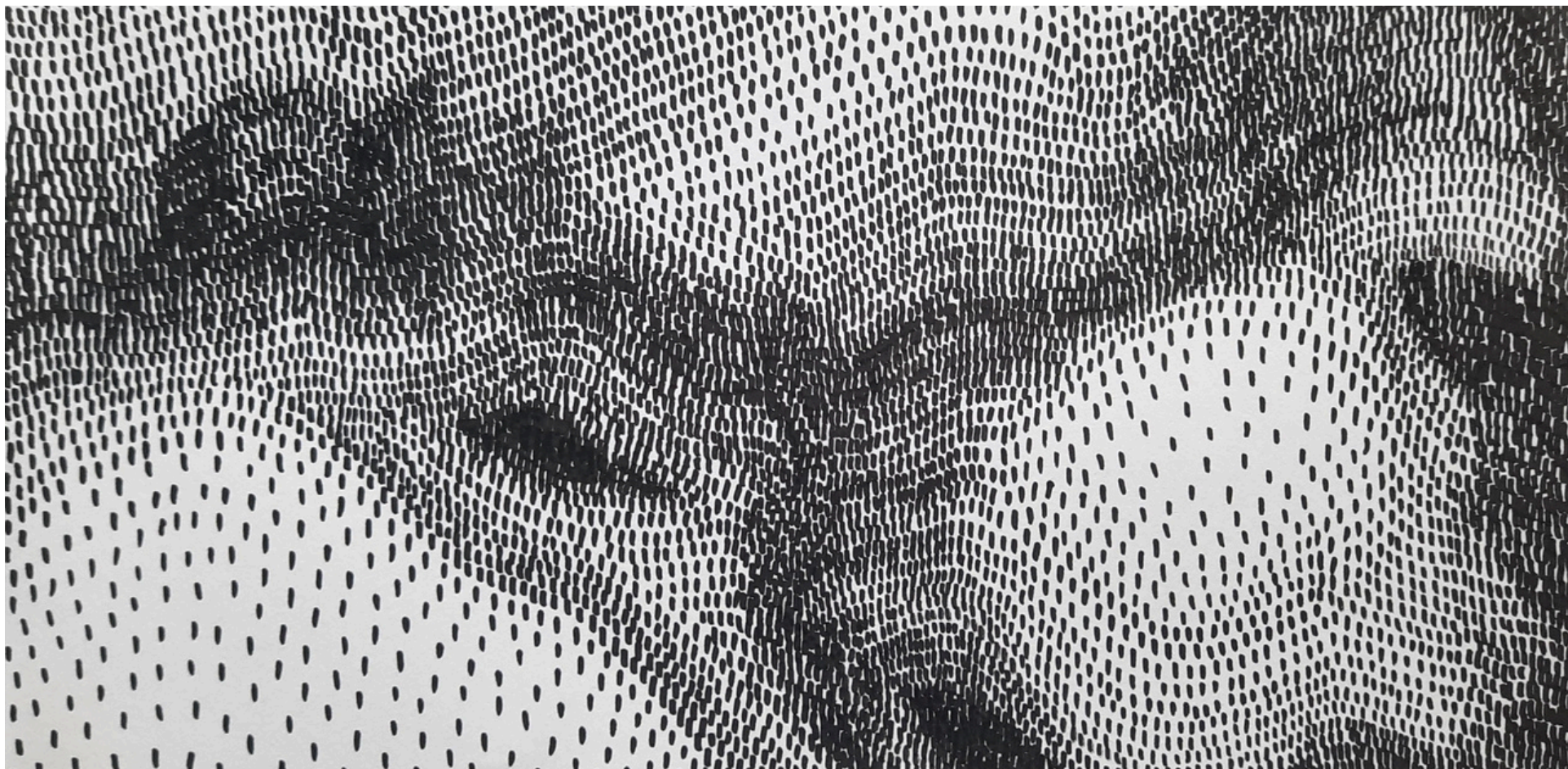
Sem título, 2023. Caneta isográfica sobre papel, 29,7x38,8cm



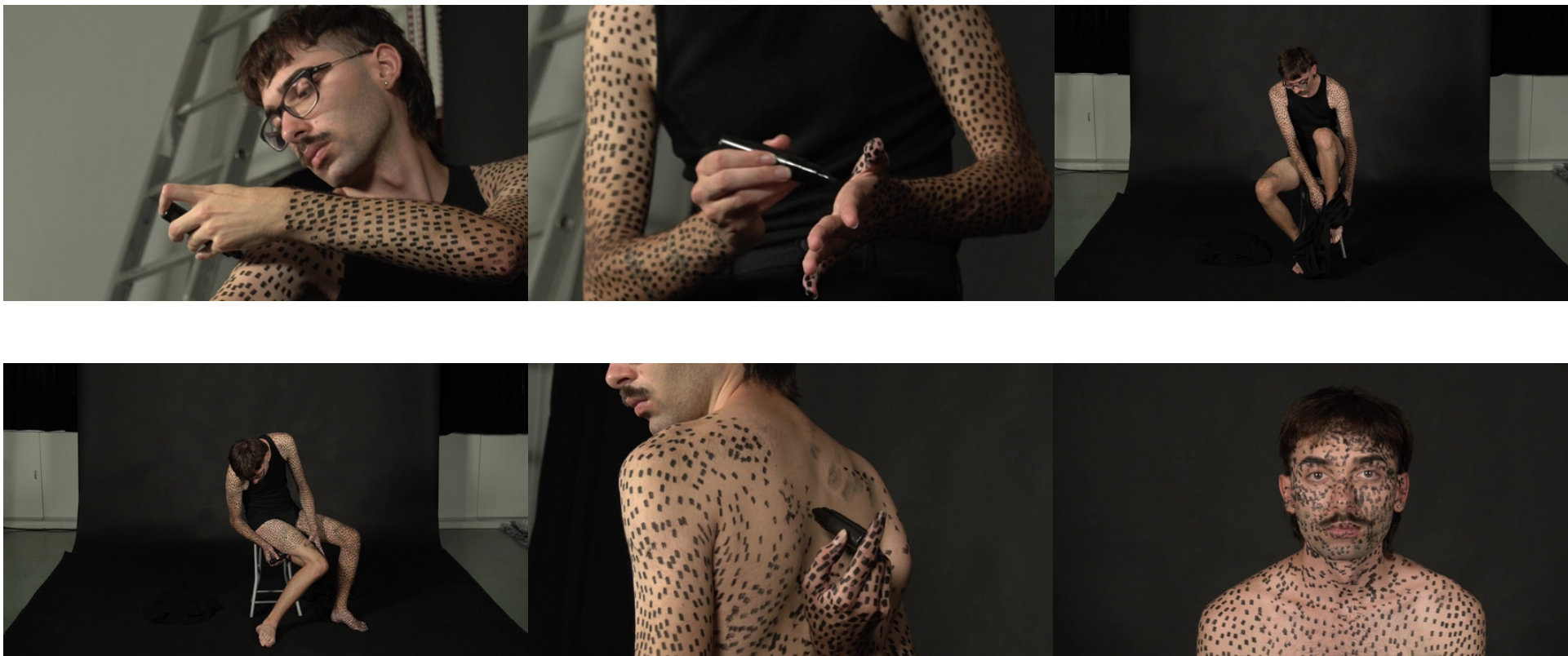
Sem título, 2023. Marcador Posca sobre papel, 305x155cm



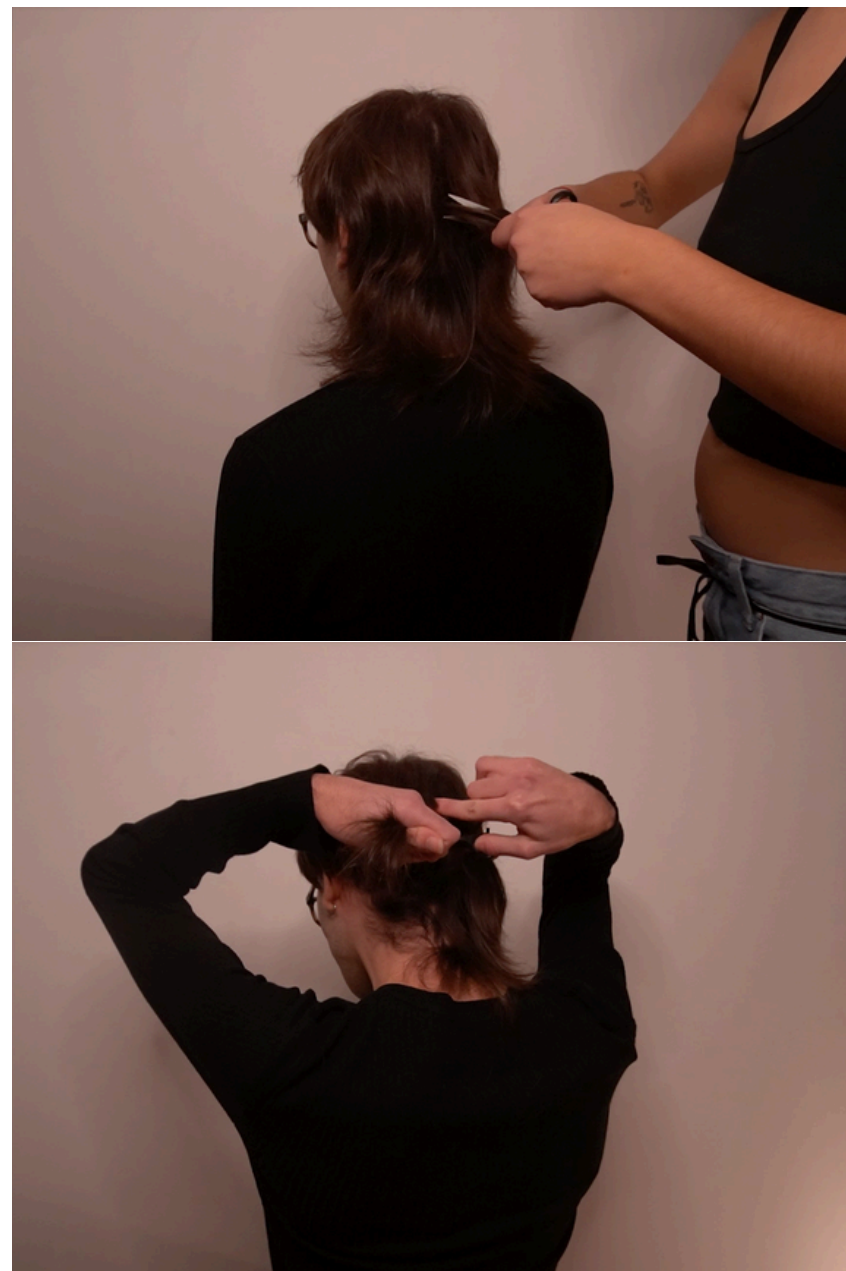
Sem título, 2024. Marcador Posca sobre papel, 14,7x29,5cm



Sem título, 2024. Marcador Posca sobre papel, 14,7x29,5cm



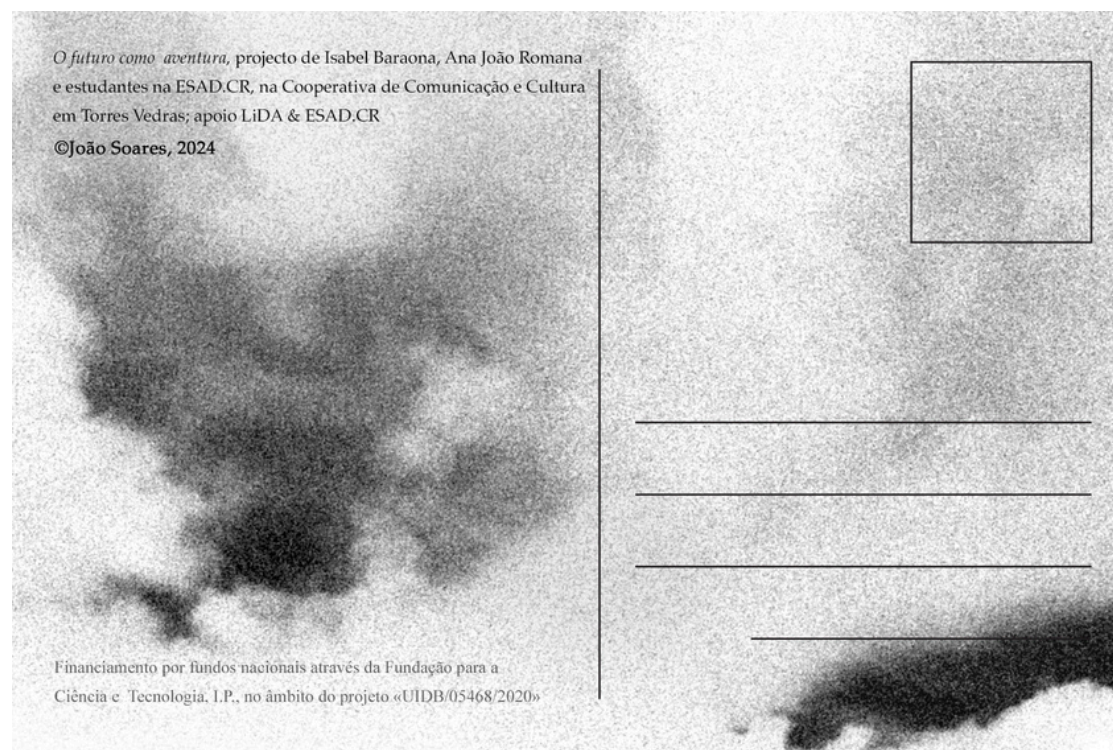
O Meu Corpo, 2023. Video digital, 94'27"



Mudem, moldem. Transformem o meu eu de agora, 2024. Instalação e vídeo digital, 2'24"



Tenho Pensado em ti, bastante, 2024. Marcador Posca sobre pano cru, 308x500cm



Postal *Noites de outono*, 2024. Impressão sobre papel, 10x15cm

Para o projeto *O Futuro Como Aventura*



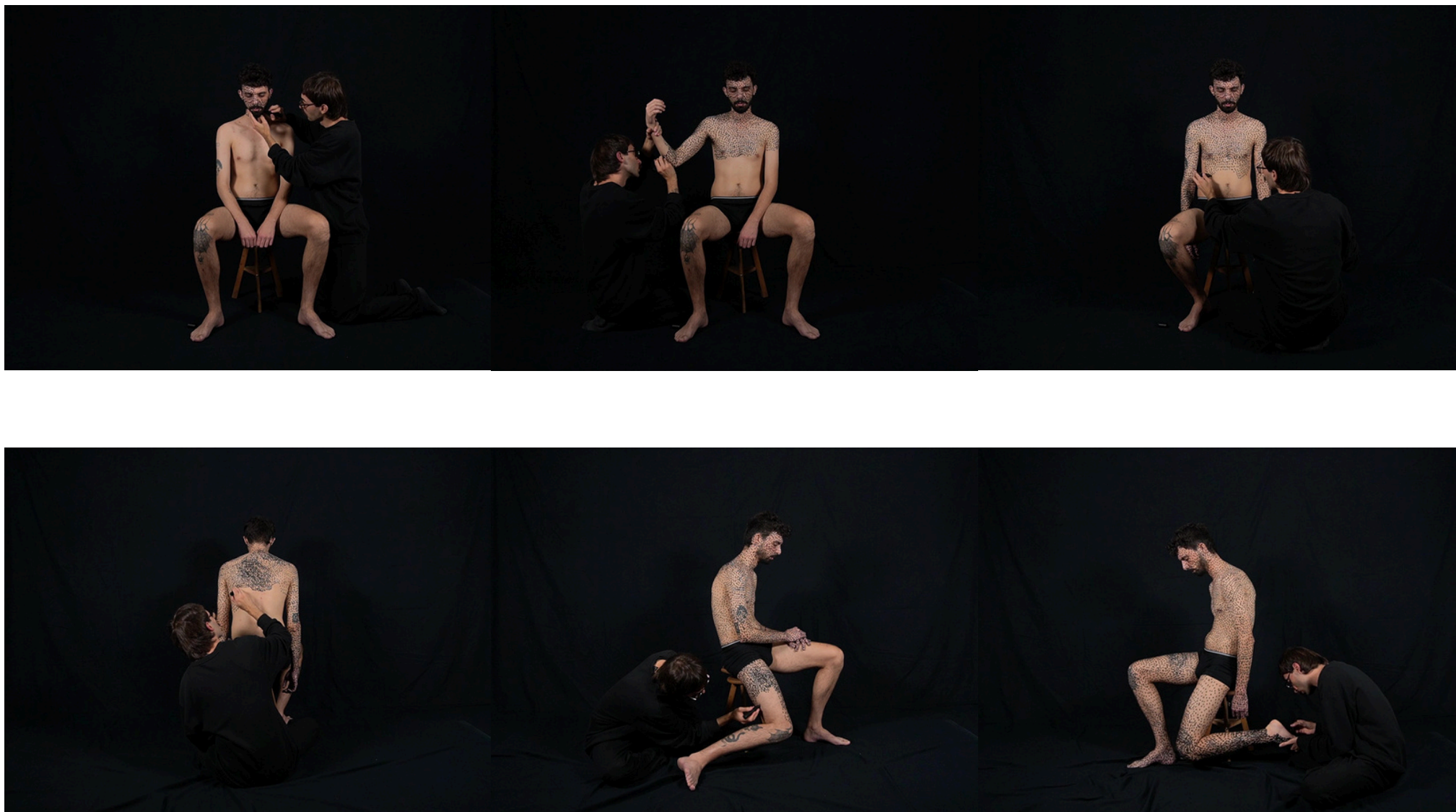
João Soares
Alfaiate¹

Gêres, 2025
2025

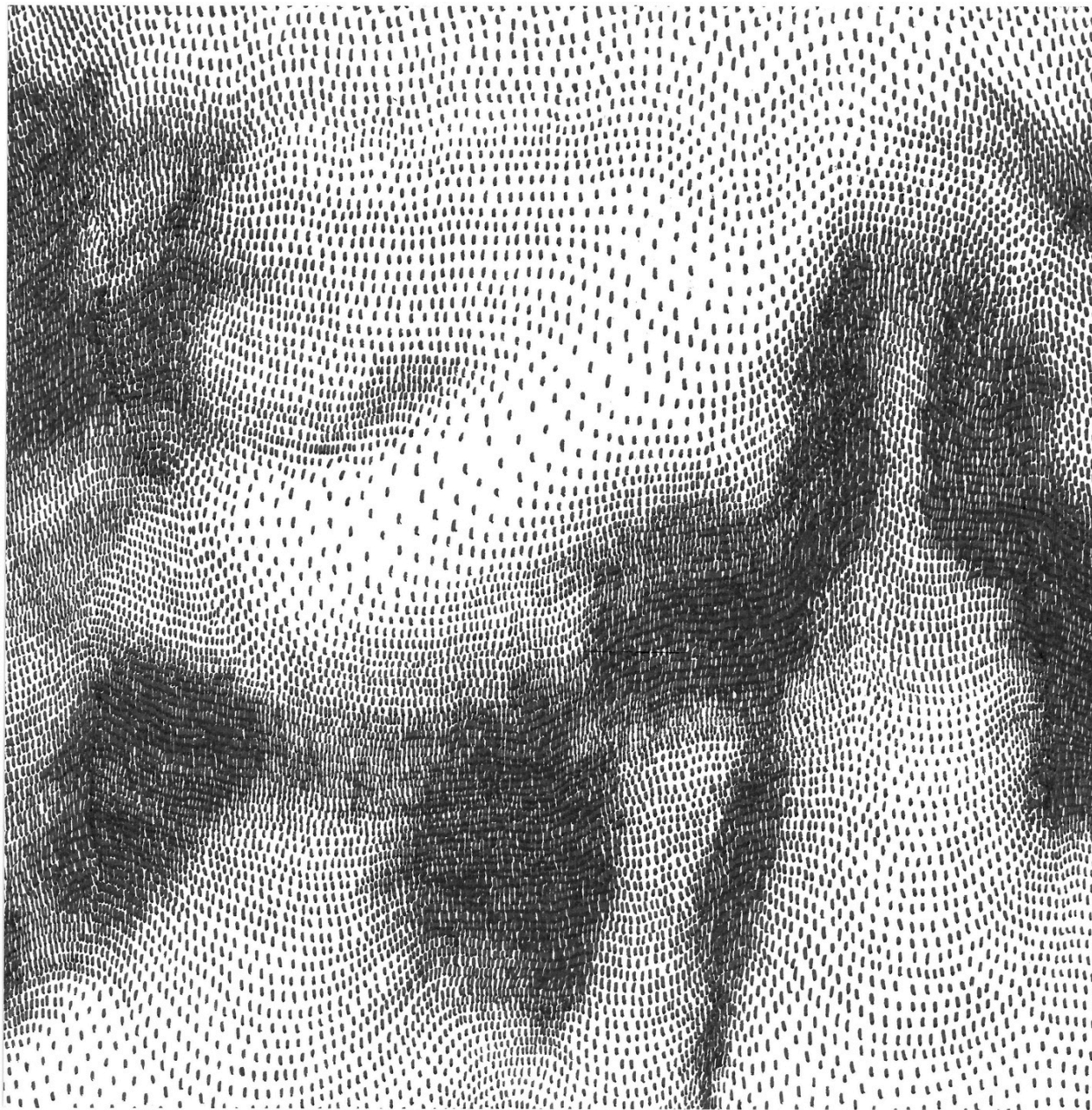
Edição singular

¹ *Gerris lacustris*, mais conhecido como alfaiate, é um inseto da família Gerridae, comum sobre a superfície dos corpos de água doce da Europa.

Visitei pela primeira vez o Gerês. Que belas terras, que belas águas. Sem saber precisava daquela pausa, de sentir a água doce e fria a passar por mim (foram dias quentes). O rio estava vivo, e nele vivo me sentia. Estávamos em muito boa companhia.



Corpo Doutro, 2025. Video digital, 86'



Um sonho de ser pássaro, 2026. Caneta isográfica sobre papel, 20x20cm

João Soares

Currículo Artístico

Formação Académica

2019 – Concluiu o ensino Secundário no Colégio de São Miguel, Fátima
2022 – Licenciou-se em Artes Plásticas na ESAD.CR
2024 - Workshop de encadernação criativa com Éditions n'importequoi
2025 - Workshop de revelação de rolos a PB com Circanalogique
HOJE - Encontra-se a terminar o Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR

Exposições Individuais

2024 - *Ponto de Partida*. Desenhos. Casa da Mãe Joana, Espaço Ó, Óbidos, PT.
2025 - *Pesam-me os cantos da boca como me pesa a saudade*. Desenhos, Poemas e Fotografia de Arquivo. Atelier Ghostbirds, Caldas da Rainha, PT.
2025 - *Dimensão Corporal* (no âmbito do Sinopse Festival Ator José Moital). Desenhos e performance ao vivo. Livraria Arquivo e TE-ATO, Leiria, PT.

Exposições Coletivas

2019 – *Sem Título*. Gravuras e Aquarelas. Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ), Leiria, PT.
2021 – *Estar Suspenso*. Performance. Espaço Concas, Caldas da Rainha, PT.
2022 – *Obra Gráfica – Gravura e Serigrafia*. Gravura. Centro de Artes – Museu/Atelier António Duarte, Caldas da Rainha, PT.
2022 - *Eu na Vida de Todos os Dias*. Desenho. Exposição do Ano da ESAD.CR, Caldas da Rainha, PT.
2023 - *Ovos, Pontos e Agulhas*. Desenhos. Caldas Late Night, Caldas da Rainha, PT.
2023 - *À Noite Todos os Gatos São Pardos*. Fotografia. Atelier Obscura, Leiria, PT.
2024 - *Abaladiça*. Desenho e videoperformance. Exposição do Ano da ESAD.CR, Caldas da Rainha, PT.
2024 - *Grave 3*. Desenhos e videoperformance. Galeria de Exposições do Espaço Turismo e Coletivo, Caldas da Rainha, PT.
2024 - *Selo*. Desenhos. Caldas Late Night, Caldas da Rainha, PT.
2024 - *Casa Partilhada*. Desenhos e videoperformance. Caldas Late Night, Caldas da Rainha, PT.
2024 - *O Futuro Como Aventura*. Videoperformance e Edições da Sala 5, vol. X e XIII. Cooperativa de Comunicação e Cultura, Torres Vedras, PT.
2024 - *Sementeira: Exposição Coletiva de Artes Visuais*. Desenho. Viseu, PT.
2024 - *Esmaga: Mostra de Artes Visuais*. Desenho. Museu Hospital Termal, Caldas da Rainha, PT.
2024 - *Aveiro Jovem Criador: 22ª edição*. Curta Metragem. Museu de Aveiro / Santa Joana, PT
2024 a 2025 - *Première, 30ª Édition*. Desenhos. Abbaye Saint André - Centre d'art contemporain, Meymac, FR.
2024 a 2025 - *Ape01*. Desenhos e mural. Apecraft Gallery, Vale de Maceira, PT.

Exposições Coletivas

2025 - *Dimensão Corporal*. Desenhos e live performance. Arquivo Livraria - Bens Culturais e Sala do Te-Ato, Leiria, PT.
2025 - *Grave 4*. Videoperformance. CCC - Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, PT.
2025 - *Première, 30^o Édition*. Desenhos. Centro de Cultura e de Congressos do Estoril, Estoril, PT.
2025 - *Ainda há sementes para serem colhidas e espaço no saco de estrelas*. Desenho e performance ao vivo. Safra, Lisboa, PT.
2026 - *Fragmentos do que nos Faz Vivos*. Postal. Atelier Ghostbirds, Caldas da Rainha, PT.
2026 - *I will Bore Myself to Either Death or Self Illumination*. Live performance. E66, Barcelona, ESP.
2026 - *Microcosmos*. Desenho. Espaço Cultural das Mercês, Lisboa, PT.
2026 - *Grave 5*. Desenho e Videoperformance. CCC - Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, PT.

Outros Projetos Colaborativos

Editoriais:

2021 – Romana, Ana João (Editora) – *Edições da Sala 5, vol. X*. Caldas da Rainha: ESAD.CR/LIDA
2023 - Atelier Obscura (Editoras) - *À Noite Todos os Gatos São Pardos (coleção de postais)*. Leiria: Atelier Obscura
2024 - Romana, Ana João; Baraona, Isabel (Editoras) – *Edições da Sala 5, vol. XIII*. Torres Vedras: ESAD.CR/LIDA/FCT/Cooperativa de Comunicação e Cultura
2025 - Baraona, Isabel (Editora) - *Peludos Postais*. Caldas da Rainha: ESAD.CR/Rede Leonardo Da Vinci
2026 - Soares, João; Anselmo, Margarida (Editores) - *Dono da Noite (coleção de postais)*. Caldas da Rainha: Independente

Audiovisual:

2024 - Anselmo, Margarida; Soares, João (Diretores) - *Dono da Noite*. 2'43". Caldas da Rainha: Independente